

Mestrado em Ensino na Especialidade de Educação Pré-Escolar e Ensino
do 1º Ciclo do Ensino Básico

*Estratégias para o desenvolvimento da
competência comunicativa em educadores de
infância e professores de 1º ciclo*

Mestranda: Marisa dos Santos Vargas

Orientadora: Prof.^a Doutora Maria Cristina Campos de Sousa Faria

Beja

2012

Educação sem comunicação não faz sentido.

Gustavo Gomes de Matos

Agradecimentos

Este trabalho representa um olhar sob uma meta há muito desejada. Para aqui chegar foi necessário ultrapassar várias etapas, e esta, não menos importante, contou com alguns apoios que se tornaram essenciais. Os estágios que realizei foram dois momentos muito importantes na minha formação e foi por essa experiência que também cheguei a esta investigação, as pessoas que fizeram parte dele estão, mesmo que indiretamente, ligadas a todo este processo.

À Prof.^a Doutora Maria Cristina Campos de Sousa Faria, orientadora desta investigação e docente numa unidade curricular, agradeço todo o apoio prestado nas diferentes fases do trabalho. Os conhecimentos, o incentivo, as contantes palavras positivas, as críticas construtivas, foram muito importantes para erguer este trabalho.

Ao Prof. José Espírito Santo, o meu especial agradecimento por ter acreditado nas alunas que chegavam de uma licenciatura de outra universidade, devido a alguns percalços, se não fosse a sua boa vontade e disponibilidade, a frequência do mestrado no IPB não tinha sido possível.

À Educadora Isabel, educadora cooperante no jardim-de-infância Mário Beirão, agradeço por tudo o que me ensinou, não só pelos valores, mas pelo profissionalismo e dedicação que vive o dia-a-dia como educadora. Com ela aprendi a enfrentar muitos receios e a tirar partido positivo das situações menos boas. Uma excelente comunicadora com crianças.

À Prof.^a Eugénia Carapinha, professora cooperante no colégio Nossa Senhora da Conceição, agradeço pelo apreço que nos recebeu na sua sala, tornando os momentos de estágio uma exploração constante de novas estratégias e um envolvimento muito forte com aqueles alunos, que tinham um desejo de aprender extraordinário.

Ao Vítor, agradeço toda a disponibilidade e a grande ajuda que me deu com a entrega e recolha dos questionários.

À minha colega e amiga Isa Silva, digo que todas as palavras são poucas. Foi com ela que cresci ao longo de quase cinco anos. Obrigada por todo o trabalho que

partilhámos, por concordares com as ideias mais extravagantes só porque queríamos ser diferentes, por me amparares nos momentos mais difíceis, por compreenderes o feitiço “bloco de gelo”, por me empurrares quando tinha vontade de estar parada, por te teres tornado numa grande amiga. Obrigada pelos conselhos e críticas a este trabalho, tal como em todos os outros. O que serei um dia como profissional vai ter sempre um bocadinho de ti.

Ao meu pai, estou grata por ter demonstrado sentimentos que outrora tinha mais dificuldade em fazê-lo. O início deste percurso revelou preocupação e um incentivo que foi muito importante e especial. Fez-me sempre acreditar que era possível, mesmo quando as coisas não corriam tão bem, logo dizia que iam melhorar. Senti a sua felicidade com as minhas vitórias. Obrigada por tudo pai.

À minha mãe, agradeço por ser o meu pilar. Estás sempre lá, firme e com uma força inabalável. És o para-vento, o guarda-sol, o guarda-chuva... enfim sem ti seria difícil suportar muitas tempestades da vida. Dizeres que te inspirei a estudar diz-me tanto, afinal quem é que inspirou “a menina que não gostava da escola”?

À minha família e amigos (especialmente à Sónia, Dani e Carlos), obrigada pelo apoio incondicional, por me fazerem sentir que era possível e que tudo estava em mim para alcançar os meus sonhos.

O meu sincero e sentido agradecimento, a todos.

Resumo

O presente estudo tem como foco a comunicação na área da educação, mais precisamente direcionado a educadores de infância e professores de 1º ciclo. Pretende conhecer a consciência destes profissionais relativamente às suas competências comunicativas e o impacto das mesmas na sala de aula.

A questão de partida: «Será que os educadores de infância e professores de 1º ciclo têm consciência das suas competências comunicativas e da conseqüente influência na ação educativa?», tem como objetivo procurar saber o impacto das comunicações feitas por parte destes profissionais da educação, nomeadamente em que situações são facilitadoras, ou não, da ação e relação pedagógica.

Os participantes serão de 1 professor de 1º ciclo e 1 educador de infância para as entrevistas, e cerca de 15 professores de 1º ciclo e 15 educadores de infância para a posterior aplicação dos questionários.

Pretende-se no final do estudo realizar uma reflexão acerca das atitudes e ações que facilitem a ação pedagógica dos docentes destes níveis de ensino, isto para possibilitar a partilha de algumas estratégias de promoção da competência comunicativa.

Palavras-chave: Educadores de infância e Professores de 1º ciclo; Comunicação; Competências Emocionais; Competências Comunicativas; Ação Pedagógica.

Abstract

The following study focuses on communication in education with emphasis on kindergarten and primary teachers. The aim is to know these professionals' awareness regarding their communication skills and the impact in classroom.

The lead question: "Are kindergarten and primary teachers aware of their communication skills and the consequences of their influence in the educational act?" aims at seeking to know the impact of the professionals communication, namely in which situations they have a negative or positive impact on the pedagogical actions and relationships.

The sample is made of 1 primary teacher and 1 kindergarten teacher for the interviews and about 15 primary teachers and 15 kindergarten teachers for the questionnaires.

The intention on the final phase of this research is to develop a reflection on the attitudes and actions that may help teachers of these levels of teaching and may lead to sharing some communication skills strategies.

Keywords: Kindergarten and Primary Teachers; Communication; Emotional Skills; Communication Skills; Pedagogical Action.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract.....	v
Índice	vi
Índice de Anexos	vii
Índice de Figuras	vii
Índice de Gráficos.....	vii
Índice de Quadros.....	viii
Índice de Tabelas	ix
INTRODUÇÃO.....	10
Parte I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	12
1 – Comunicação	12
1.1 - Processo de comunicação.....	12
1.2 – Relações Interpessoais.....	13
1.3 – Barreiras na comunicação.....	15
1.4 – Facilitadores da comunicação.....	16
1.5 – Competência comunicativa.....	17
2 – Comunicação na Ação Pedagógica.....	19
2.1 – Da comunicação à relação pedagógica.....	19
2.2 – Comunicação e ação pedagógica.....	20
3 – Estratégias para o desenvolvimento da competência comunicativa.....	20
3.1 – Inteligência emocional na escola.....	21
Parte II –ESTUDO EMPÍRICO	25
4– Metodologia.....	25
4.1 - Objetivos da investigação	25
4.2 – Participantes	25
4.3 – Instrumentos	25
4.4 – Procedimento	28
4.5 – Análise dos dados	30
5 - Apresentação e Análise dos dados	29
5.1 - Estudo 1	29
5.1.1 – Caracterização das entrevistadas	29

5.1.2 – Análise dos dados	30
5.2 - Estudo 2.....	42
5.2.1 – Caracterização dos participantes	42
5.2.2 – Análise dos dados do Questionário “Comunicação em sala de aula”	43
6 - Discussão dos resultados.....	56
CONCLUSÃO.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
ANEXOS.....	68

Índice de Anexos

Anexo I – Guião das entrevistas	69
Anexo II – Transcrição de entrevista a educadora de infância.....	72
Anexo III – Transcrição de entrevista a professora de 1º ciclo	82
Anexo IV – Guião dos questionários.....	86
Anexo V – Questionário.....	90

Índice de Figuras

Figura 1 – Processo de comunicação.....	12
Figura 2 – Processo facilitador da comunicação	35
Figura 3 – Estratégias de comunicação	38

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Profissão dos inquiridos	42
Gráfico 2 - Sexo dos inquiridos.....	42
Gráfico 3 – Anos de serviço docente.....	43
Gráfico 4 – Respostas à questão “Sinto que quando tenho empatia com um aluno isso irá influenciar o seu desempenho”	45
Gráfico 5- Respostas à questão “Preocupo-me em conhecer primeiro os alunos individualmente para depois conseguir unir uma turma e conseguir trabalhar com uma turma de forma mais ou menos individualizada.”	46
Gráfico 6 – Barreiras na comunicação	48
Gráfico 7 – Expetativas de comunicação em sala de aula.....	50

Gráfico 8 – Respostas à questão “Sente necessidade de formação a nível da "Comunicação em sala de aula?"	54
Gráfico 9 – Respostas à questão “Sente necessidade de formação a nível da "Comunicação em sala de aula"”?.....	55

Índice de Quadros

Quadro 1- Domínios da Inteligência Emocional e Competências Emocionais Associadas	22
Quadro 2 – Dimensões do questionário.....	27
Quadro 3 – Análise das entrevistas. Dimensão da Definição da Comunicação Educacional	30
Quadro 4 - Análise das entrevistas. Dimensão das Competências Comunicacionais dos professores.....	31
Quadro 5 - Análise das entrevistas. Dimensão da Qualidade da Relação Pedagógica.....	32
Quadro 6 - Análise das entrevistas. Dimensão das Barreiras na Comunicação por parte dos alunos.....	33
Quadro 7 - Análise das entrevistas. Dimensão das Barreiras na Comunicação por parte dos professores	34
Quadro 8 - Análise das entrevistas. Dimensão dos Facilitadores da Comunicação	35
Quadro 9 - Análise das entrevistas. Dimensão da Influência da relação para a motivação dos alunos e da qualidade do ensino/aprendizagem	36
Quadro 10 - Análise das entrevistas. Dimensão: “O que um aluno espera de um professor”	37
Quadro 11 - Análise das entrevistas. Dimensão das Estratégias de regulamentação/ promoção de atividade através da comunicação	38
Quadro 12 - Análise das entrevistas. Dimensão da Inteligência Emocional	40
Quadro 13 - Análise das entrevistas. Dimensão das Carências na formação de professores a nível comunicacional.....	41
Quadro 14 – Questões do questionário sobre Comunicação	44
Quadro 15 - Questões do questionário sobre a Relação Pedagógica.....	45

Quadro 16 - Questões do questionário sobre Barreiras e facilitadores da comunicação.....	47
Quadro 17 - Questões do questionário sobre Expetativas da comunicação em sala de aula.....	49
Quadro 18 - Questões do questionário sobre Promoção de atividades	50
Quadro 19 - Questões do questionário sobre Inteligência Emocional.....	51
Quadro 20 - Questões do questionário sobre Necessidades Formativas	53

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Análise estatística das respostas sobre Comunicação.....	44
Tabela 2 - Análise estatística das respostas sobre Relação Pedagógica	46
Tabela 3 - Análise estatística das respostas sobre Barreiras e facilitadores da comunicação	48
Tabela 4 - Análise estatística das respostas sobre Expetativas da comunicação em sala de aula.....	49
Tabela 5 - Análise estatística das respostas sobre Promoção de atividades	51
Tabela 6 - Análise estatística das respostas sobre Inteligência Emocional	52
Tabela 7 - Análise estatística das respostas sobre Necessidades Formativas.....	54

Introdução

Nos dias que correm «toda a gente comunica.» Todos falamos de comunicação e assumimos que é um conceito incorporado no nosso dia-a-dia. Encontra-se associada a diversas áreas, desde a sociologia, psicologia, política, arquitetura, jornalismo, educação... Mas afinal o que é a «comunicação»? (Viera H., 2005) Será que se aplica de igual forma nas diferentes áreas? E os profissionais que aí trabalham, qual a sua posição quanto à questão? Atuais e futuros profissionais do ramo da educação devem procurar encontrar resposta a estas e outras questões relacionadas com as competências comunicativas em contexto de sala de aula.

Sabemos que a escola mudou, já não é a escola de outrora. Este não é um reparo com teor positivo ou negativo, mas sim um alerta para a adequação ao panorama que temos diante de nós. Se antes a escola era, por excelência, o maior meio de difusão de informação e conhecimento, hoje a situação mudou. Deparamo-nos sobretudo nas últimas duas décadas com a multiplicação e difusão de meios de acesso à informação. Daqui surge um problema. As crianças e jovens têm acesso a estes meios, que muitas vezes são mais interessantes e motivadores do que os que encontram nas salas de aula. Aqui surge um dos desafios para professores e educadores: «Como comunicar com os alunos de forma motivadora?» e «Será que os professores estão conscientes das suas competências comunicativas?». (Ornellas M. L. S., 2005)

Comunicar poderá ser o caminho para a prevenção e resolução de muitos conflitos com que nos deparamos na educação. A falta de comunicação gera mal entendidos, gera desconforto, desconfiança e ausência de motivação. Todos nós temos opiniões, ideias e pensamentos, e todos eles diferentes. Portanto a exposição dos mesmos de forma assertiva será benéfico para todos os intervenientes no contexto educativo, desde professores, a alunos, auxiliares a familiares. (Citelli A., 2004)

A comunicação é a principal motivação das interações que se estabelecem entre os indivíduos. Essas interações podem ter uma condução positiva ou negativa consoante a qualidade da comunicação em questão.

As razões da escolha deste tema prendem-se com um forte interesse pessoal relativamente às interações humanas. Durante os estágios da prática profissional surgiu uma certa ansiedade inicial relacionada com a exposição perante o grupo de alunos, como abordá-los, como resolver conflitos, como criar um ambiente motivante... o que resultou numa análise das relações que se foram estabelecendo em ambiente educativo.

Tem ainda a benesse de ser transversal a todas as áreas do conhecimento, além de aplicável ao pré-escolar e 1º ciclo. Pretende-se que esta investigação seja dotada de uma linguagem simples para que se torne útil e de fácil consulta para outros docentes, ou mesmo interessados nesta área.

A questão de partida deste estudo: «Será que os educadores de infância e professores de 1º ciclo têm consciência das suas competências comunicativas e da conseqüente influência na ação educativa?» tem como objetivo principal procurar saber o impacto das comunicações feitas por parte destes profissionais da educação, nomeadamente em que situações são facilitadoras, ou não, da ação e relação pedagógica. A investigação pretende também elucidar não só acerca do conceito de comunicação aplicado na área da educação, assim como entender a necessidade e importância de «comunicar» numa sala de aula, e as competências comunicativas associadas.

O método de investigação utilizado será o estudo exploratório transversal numa perspectiva de Investigação-Ação. O estudo será complementado com participantes da área da educação, nomeadamente, 1 educador de infância e 1 professor de 1º ciclo para a realização das entrevistas, e de 15 educadores de infância e 15 professores de 1º ciclo para a aplicação dos questionários.

A pesquisa documental será feita durante todo o processo de investigação, e irá integrar a Parte I do presente documento. A Parte II refere-se ao Estudo Empírico, e aí irá explicitar-se o método de investigação, assim como os participantes do estudo, os instrumentos utilizados, os procedimentos e tratamentos de dados.

No final pretende-se encontrar estratégias de comunicação que possam ser utilizadas tanto por educadores de infância como professores de 1º ciclo em contexto de sala junto dos seus alunos.

Parte I - Enquadramento Teórico

1 – Comunicação

A referência vocabular tem como principal vantagem a extensão do domínio da aplicação do conceito a situações muito distintas. Como neste estudo será abordada a área da educação a pesquisa vocabular esteve orientada nesse sentido. Assim a recolha e cruzamento de informação em dicionários de língua portuguesa permitiu encontrar significados como: «Ação de transmitir e receber mensagens, usando os meios e códigos convencionados; ato ou efeito de comunicar. Participação. Aviso. Informação. Convivência. Ato que consiste essencialmente na codificação e decodificação de uma mensagem verbal. Mensagem transmitida a alguém.» Já o verbo comunicar do latim *communicare* remete-nos para: «Pôr ou ter em comum. Repartir. Compartilhar. Tomar a sua parte de. Entrar em relações com alguém.»

Apesar de todas estas definições, Caetano e Rasquilha (2007) afirmam que poderíamos colocar imensas perguntas sobre o que na realidade é a comunicação, às quais obteríamos também imensas respostas, mas ainda assim permaneceriam dúvidas acerca do conceito.

Os mesmos autores recordam que a comunicação humana concretiza-se de diversas formas, em que o Homem transmite e recebe ideias, impressões, entre outras, que muitas vezes não têm correspondência verbal. Referem também que o Homem é um ser social, por natureza, e preparado para viver em sociedade.

1.1 – Processo de comunicação

Para compreender-se toda a riqueza dos processos comunicativos, é preciso procurar conhecer os seus elementos constitutivos e as funções que lhes estão inerentes.

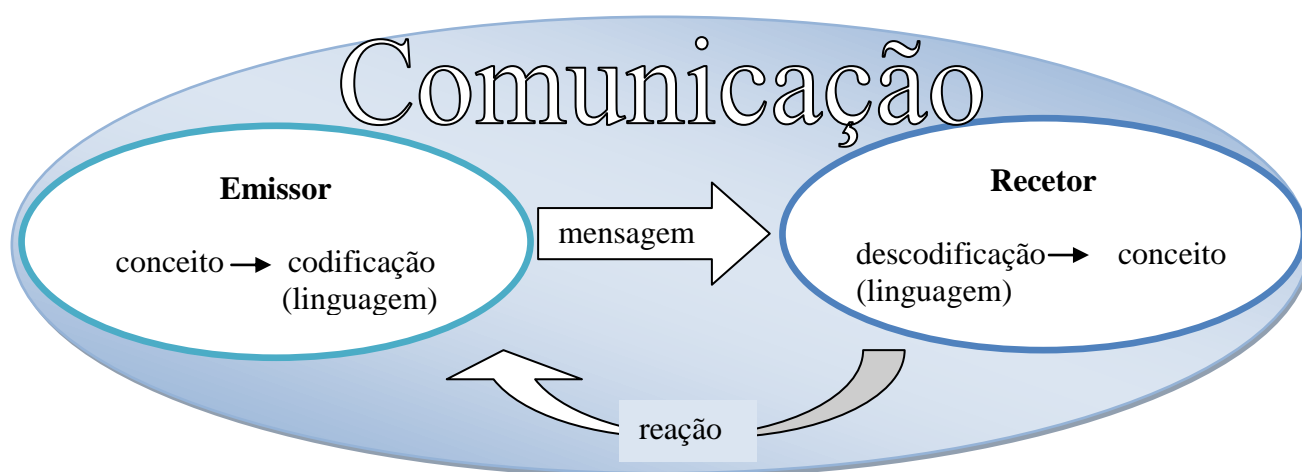


Fig. 1 – Processo de Comunicação

Fonte: Bitti & Zani (1997)

Emissor – Também designado de fonte, é quem inicia a comunicação. Tem um propósito ao enviar uma mensagem.

Recetor – Recebe a mensagem e descodifica, de forma a compreendê-la.

Mensagem – Corporiza aquilo que se pretende transmitir quando o emissor codifica o seu objetivo.

Se um destes elementos estiver em falta, não pode haver comunicação alguma.

1.2 – Relações interpessoais

Segundo Leitão, Fortunato e Freitas (2006, p.884) os relacionamentos interpessoais, e a sua envolvência emocional, são processos interativos de extrema importância para a organização da vida em sociedade.

As relações interpessoais e a comunicação possuem uma característica em comum, para que ocorram é necessário pelo menos duas pessoas. Numa sala de aula, onde encontramos o processo de ensino-aprendizagem entre professor e aluno(s), os processos interativos estão iminentemente presentes. Todos estes conceitos estão interligados: relações interpessoais, comunicação e ensino-aprendizagem. O seu elo permite proporcionar trocas de experiências, em que o aluno aprende e o educador/a e/ou professor/a tome decisões pedagógicas que pode mais tarde refletir. (Petry & Jorge, 2009)

Na sala de aula quem assume a responsabilidade da organização das atividades de ensino-aprendizagem é o professor, portanto ele também desempenha um papel fundamental na teia relacional que se constrói na sala de aula.

O professor, pelo seu estatuto de adulto e do poder que detém, este é ainda a pessoa-referência das crianças com quem trabalha, exercendo sobre elas uma grande influência no seu desenvolvimento.

Segundo Caritas e Fernandes (2002) nos últimos anos, determinadas investigações provaram que o professor detém o poder de influenciar os comportamentos dos alunos, mediante o seu próprio comportamento. As crianças têm uma grande capacidade de aprender imitando, mais do que através de uma instrução intencional. A capacidade de seguirem o discurso verbal de um adulto é muito limitada, por isso prestam maior atenção ao que ele *faz* em detrimento do que ele *diz*.

A aceitação de si mesmo é condição necessária da aceitação do outro, constituindo a base da **relação professor/aluno**. Segundo Gordon citado por Carita e Fernandes (2002), deve ser caracterizada:

- pela *abertura e transparência*, que se manifesta sendo direto e honesto com o outro;
- pelo *cuidado e atenção* para com o outro
- pela *interdependência* de um em relação ao outro, o que exclui a dependência que o adulto fomenta na criança;
- pelo *distanciamento* que permite a cada um crescer e desenvolver-se como ser singular e;
- consideração mútua das *necessidades* evitando sobreposições.

Assim sabemos que o professor deve estar consciente de que o seu modo de agir é importante, daí surge a necessidade de conhecer-se a si mesmo, enquanto profissional, assim conseguirá dirigir esse autoconhecimento de modo intencional para ter atenção à sua ação e prever os reflexos dela.

O professor pode treinar a gestão das relações interpessoais e o processo de ensino-aprendizagem procurando imaginar como os seus alunos o veem e o impacto dos seus comportamentos sobre eles. Esta auto observação é útil, na medida em que o professor se auto observa e procede a uma análise sobre a sua própria ação. Quando se propõe a conhecer-se, a forma como comunica deve constar nessa análise. A par da forma como comunica estarão outros itens como a forma como se movem, os gestos, a voz...

Segundo Carita e Fernandes (2002) a autenticidade e o confronto (expor a defesa das necessidades próprias) além de serem competências que ajudam a melhorar o relacionamento com os alunos, são competências que cultivam uma atitude **assertiva**, encarada como facilitadora da relação professor/aluno. A assertividade opõe-se à agressividade mas também à passividade. A passividade transmite uma mensagem de insegurança e de «deixa andar», enquanto a agressividade é característica de um clima democrático e autoritário, onde o professor transparece um comportamento agressivo, que não respeita as necessidades e direitos dos alunos.

Portanto o clima de sala de aula depende das interações que se estabelecem na relação professor aluno. O clima é algo que se sente mal se entra numa sala de aula, pouco tempo basta para entender o convívio que lá se estabelece.

1.3 – Barreiras na comunicação

Para sabermos qual a melhor forma de comunicar, ou seja «pôr em comum», será imprescindível encontrar os entraves ao estabelecimento de uma comunicação eficaz, pois nem sempre é fácil estabelecer uma comunicação nas condições consideradas ideais.

Segundo Vayer e Destrooper (1992) a falta de compreensão da linguagem da criança é uma das principais causas da não comunicação adulto-criança. O adulto, que assume a posição de líder, tem natural tendência para privilegiar as suas maneiras de ver ou de abordar o mundo. Alguns adultos com estas tendências têm pouco acesso às suas próprias vivências enquanto criança. Mesmo se certas experiências ligadas à sua infância permanecem presentes, ele continua incapaz de compreender ou aceitar a mesma situação na criança que tem diante de si. É assim que certos professores se lembram perfeitamente dos sentimentos de angústia e de culpabilidade que experimentaram antes de entrar na escola, e não compreendem que possam suscitar os mesmos sentimentos na criança, através dos modos de relação que lhe propõem.

O sociólogo Fernando Dias (s.d.) define estes entraves em 5 fatores-causa, sendo estes: fatores sociais, fatores fisiológicos, fatores de personalidade, fatores de linguagem e fatores psicológicos. A sua descrição destes fatores baseia-se no seguinte:

- *Fatores pessoais* – relaciona—se com o nível de conhecimento que os indivíduos têm do processo comunicacional e do assunto a abordar; a aparência do sujeito enunciatador que marca as primeiras impressões; a postura corporal (pode ser mais descontraída ou formal consoante o contexto); o movimento corporal que tem um significado social e cultural; o contacto visual; a expressão facial e a fluência do discurso.
- *Fatores sociais* – flexibilidade ou rigidez dos sistemas de conhecimento, que abrange também a educação dos indivíduos, a cultura e as crenças; as normas sociais e os dogmas religiosos.
- *Fatores fisiológicos* – apesar de nem todos afetarem os indivíduos da mesma forma, determinados problemas genéticos, mal-estar, doença por tempo curto ou prolongado, são alguns dos fatores fisiológicos que podem afetar a comunicação.

- *Fatores de personalidade* – entra aqui a expressão das *personalidades difíceis*, em que existem indivíduos que se julgam autossuficientes, e portanto sabem tudo sobre determinado assunto
- *Fatores de linguagem* – um campo abrangente, sendo que a linguagem é a forma de comunicar os pensamentos e ideias mais corrente, entre algumas das barreiras neste campo contam: o uso constante de palavras abstratas que pode levar à incompreensão da mensagem, assim como o desencontro de sentidos do que é dito.
- *Fatores psicológicos* – um dos riscos neste fator são a avaliação de indivíduos consoante a impressão que nos causam, colocando-os no extremo de uma escala de apreciação. Adivinhar outra pessoa pode refletir-se na relação que estabelecemos com a mesma.

Esta foi a forma que o autor citado encontrou para definir as barreiras comunicacionais. Não traduz, no entanto, que estes fatores não possam ser complementados com outros também significativos neste campo.

1.4 – Facilitadores da comunicação

Tal como existem barreiras, as soluções para ultrapassar as mesmas também podem ser encontradas através de *facilitadores* da comunicação. Saber emitir, saber ouvir, empatia e assertividade são alguns dos fatores chave neste processo.

Saber ouvir passa por ouvir desde a primeira palavra pronunciada pelo emissor, assim como atentar a todas as opiniões. Concentrar-se no que está a ouvir, e não precipitar-se em tentar adivinhar a mensagem. Ao longo da comunicação pode ir manifestando sinais de que está atento, seja por comportamentos verbais como expressões corporais.

Entender que o silêncio faz parte da comunicação, e não ser impaciente com a existência do mesmo, ou seja saber geri-lo sem ansiedade.

Stern e Payment (1999) elaboraram um manual sobre as práticas do ensino e propõem algumas estratégias, assim como sugestões que podem ser utilizadas por educadores de infância e professores de 1º ciclo. De entre muitas destacam-se as seguintes:

- Mostrar-se atencioso e preocupado;
- Tratar os alunos pelo nome;
- Procurar saber se algum aluno necessita de condições especiais;

- Perguntar frequentemente se alguém precisa que faça ou explique de forma diferente;
- Movimentar-se pela sala;
- À medida que fala olhar diretamente ora um aluno, durante alguns segundos e depois olhar para outro;
- Perto de um ecrã, olhar para a turma e não para o mesmo;
- Iniciar as aulas de forma diversificada. Por exemplo ao iniciar um tema, procurar saber curiosidades, situações ou acontecimentos sobre o mesmo. Contar uma história;
- Evitar apresentar-se como alguém perfeito. Quando o professor não sabe algo pode responder algo como: «Essa é uma boa questão, não sei a resposta, mas vou procurar saber e depois digo-vos.»;
- Ser coerente e não contradizer-se;
- Não presumir que os alunos sabem algo, quando não temos a certeza. Procurar saber;
- Treinar ênfase a diferentes palavras/frases;
- Variar velocidade e volume da voz;
- No final de um tema pedir aos alunos que falem sobre este;
- Criar pontes entre os diferentes temas abordados para manter interesse dos alunos;
- Certificar que apela à interação dos alunos e que a molda;
- Encorajar os alunos a serem curiosos, a colocarem perguntas;
- Utilizar perguntas abertas para estimular discussões, estas podem começar como por exemplo: “Diz-me”, “Porquê”, “Explica-me”...
- Ter controlo na utilização de linguagem negativa;
- Regularizar a partilha de opiniões e crenças de forma a respeitar diferenças que possam existir;
- Treinar sentido de humor, pois este não significa apenas contar piadas. Partilhar histórias divertidas é um exemplo. É um dos itens mais apreciados pelos alunos nos professores, segundo algumas investigações;
- Variar métodos utilizando suportes visuais, cor, música, etc.

Estas são algumas estratégias que podem ser adaptadas, ou até sugerir novas ideias para a ação comunicativa do professor.

1.5 – Competência Comunicativa

Competências, mas afinal sabemos o que são? Correntemente diz-se que uma pessoa com determinada competência que está apta/qualificada para realizar alguma coisa. Le Boterf (1995) citado por Fleury e Fleury (2001) considera que a competência é o conjunto de aprendizagens sociais e comunicacionais. Além disso competência é um “saber agir responsável e que é reconhecido pelos outros. Implica saber como mobilizar, integrar e transferir os conhecimentos, recursos e habilidades, num determinado

contexto profissional.” Este é um processo construído, ou , não é algo estático, mas sim em construção.

Bitti e Zani (1997) citaram Zuanelli Sonino (1987) que entendem que a noção de competência comunicativa é “o conjunto de pré-condições, conhecimentos e regras que fazem com que a qualquer indivíduo seja possível e realizável significar e comunicar.”

Diz-se que um indivíduo é membro de uma comunidade linguística e social porque possui “competência comunicativa”, isto é, a capacidade de produzir e entender mensagens que o põem em interação comunicativa com outros interlocutores. Ainda assim esta capacidade não compreende apenas a habilidade linguística e gramatical (produzir e interpretar frases bem formadas), mas também vastas habilidades extralinguísticas que lhes estão associadas, que por sua vez podem ser sociais (saber adequar a mensagem a uma solução específica) ou semióticas (saber utilizar outros códigos para além do linguístico, como as expressões faciais, o movimento das mãos, etc.) (Bitti e Zani, 1997)

Apesar de nos últimos anos existir a preocupação de completar/modificar o conceito de competência comunicativa porque a ideia de que refere-se apenas à linguagem verbal está a tornar-se insuficiente numa sociedade dominada pelos media, este estudo não pretende focar-se nos aclamados novos meios de comunicação tecnológicos e do impacto destes, mas sim nas “relações” entre os comunicantes, pois toda a comunicação tem dois aspetos – um relativo ao “conteúdo” da mensagem, à notícia transmitida, e o outro relativo ao modo como essa mensagem deve ser tomada e, portanto, à “relação” entre os comunicantes.

Para se dar uma interação comunicativa basta que o falante possua e utilize algumas das componentes de uma vasta lista de competências (Berruto, 1974, citado por Bitti e Zani, 1997):

- a) competência *linguística* – capacidade de produzir e interpretar signos verbais;
- b) competência *paralinguística* – capacidade de alterar determinadas características do significante, como por exemplo o ênfase;
- c) competência *cinésica* – capacidade de realizar a comunicação mediante signos gestuais (acenos, mímicas, movimentos do corpo, etc.);
- d) competência *proxémica* – capacidade de fazer variar as atitudes espaciais e as distâncias entre as pessoas que estão no ato de comunicação, como o tocar-se, mais ou menos longe, o estar ou não em contacto;

e) competência *executiva* – capacidade de utilizar o ato linguístico, ou não, para realizar em concreto a sua intenção comunicativa;

f) competência *pragmática* – capacidade de usar os signos, linguísticos ou não, de acordo com a situação e às próprias intenções;

g) competência *sociocultural* – capacidade de reconhecer as situações sociais e as relações entre os papéis desempenhados;

h) outras possíveis competências.

Assim podemos entender o quão complexo é o comportamento comunicativo.

Tornero (2007) considera a importância da competência comunicativa na educação para alterar e/ou melhorar algumas concepções e potenciar as práticas educativas.

2 – Comunicação na Ação Pedagógica

2.1 - Da comunicação à relação pedagógica

Partindo do princípio que a relação pedagógica pressupõe a existência de pelo menos dois indivíduos, nomeadamente professor-aluno no contexto em questão, excluindo a ideia de que na sala de aula a comunicação é apenas direcionada ao aluno, será nessa mútua interação e de outros fatores associados (como a instituição) que vigora a qualidade da comunicação.

Dias (n.d.) considera que embora seja difícil intervir (de uma só vez) em toda a complexidade de uma instituição, o professor terá sempre nas suas mãos a oportunidade de implementar o desenvolvimento de um clima de segurança e de “desenvolvimento pleno dos atores envolvidos na relação pedagógica” na sua sala de aula.

Vieira (2000) afirma que as formas de comunicar são tão vastas que até em silêncio comunicamos. Relembra ainda que é do conhecimento comum que o modo como nos relacionamos uns com os outros depende do tipo de comunicação estabelecida. A relação pedagógica será tanto mais eficaz quanto mais aberta, positiva e construtiva for a comunicação entre professor/aluno. O autor considera que a comunicação é o principal pilar no estabelecimento de uma boa relação pedagógica.

Há que recordar que a comunicação poderá estabelecer um ambiente facilitador da aprendizagem em sala de aula, tal como refere Vieira (2000). Já Sprinthall e Sprinthall citados por Vieira (p. 43, 2000) atestam que «...a qualidade da relação

interpessoal entre o professor e os alunos tem, de facto, um impacto em muitas facetas da interação na sala de aula e em relação ao grau de aprendizagem real do aluno».

2.2 - Comunicação e Ação Pedagógica

Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) declaram que a comunicação, linguagem e conhecimento são três pilares de desenvolvimento simultâneo na vida da criança, com uma componente social e interativa bastante proeminente. Referem ainda que as crianças adquirem a língua materna ao mesmo tempo que desenvolvem competências comunicativas, através de interações significativas com os outros.

Vieira (2000) afirma que a dinâmica da sala de aula tem vindo a alterar nos últimos anos. Assim como a intervenção dos diferentes agentes educativos, neste caso professor e aluno. Exige-se que o professor seja dotado de competências comunicacionais que tenham em vista um melhor relacionamento com os seus alunos.

Estanqueiro (2010) corrobora que o ato de ensinar abrange muito trabalho individual e que cada professor é responsável pelas suas aulas. Diálogo e cooperação são dois fatores chave no contexto escolar.

O papel do professor é crucial no que se refere à mediação das interações realizadas no âmbito da sala de aula, pois tal como referem Sim-Sim, Silva e Nunes (2008):

A responsividade dos adultos às tentativas comunicativas das crianças, e a qualidade das interações estabelecidas entre ambos, desempenham um papel vital no desenvolvimento das capacidades comunicativas e constituem a base das aprendizagens, do conhecimento do mundo e da promoção do desenvolvimento social, cognitivo, afetivo e linguístico. (p.33)

Como já foi referido anteriormente, o estabelecimento de uma boa relação entre o professor/educador e o aluno será crucial para implementar interações provedoras de um bom ambiente em sala de aula.

3 – Estratégias para o desenvolvimento de competências comunicativas

Como o propósito principal deste estudo é encontrar estratégias para o desenvolvimento de competências comunicativas em educadores de infância e professores de 1º ciclo, o tema será explorado numa vertente de relações interpessoais, mais concretamente através da inteligência emocional, um conceito de Psicologia emergente em vários domínios, incluindo a educação.

Segundo Fleury e Fleury (2001) as emoções e os afetos organizam o aprendizado e a formação de memórias. As pessoas lembram-se melhor daquilo que lhes despertou sentimentos positivos do que daquilo que lhes despertou sentimentos negativos e lembram-se mal daquilo que as deixou indiferentes. As emoções contribuem fortemente na motivação para a pessoa aprender; parecem dar cor e sabor ao que aprende.

3.1 – Inteligência emocional na escola

Como a comunicação envolve relações, saber criá-las, mante-las e amplia-las são desafios que os docentes se deparam no seu dia-a-dia. Pressupõe-se portanto, de que os professores necessitam de utilizar a sua competência comunicacional que está estreitamente ligada com a competência emocional.

Tal como Fleury e Fleury afirmaram, as emoções têm a sua quota-parte na promoção da motivação de quem está a aprender. Os autores levam a crer que um sujeito lembra-se melhor daquilo que lhes despertou sentimentos positivos. Então e se um professor pretender promover ou aumentar a motivação dos seus alunos? Será que sabe como lidar com o seu lado emocional e também com o dos alunos? É neste ponto de situação que surge a inteligência emocional como resposta a estas dúvidas.

A inteligência emocional é um conceito de Psicologia que ficou popularizado na década de 90 através de Daniel Goleman. A base da inteligência emocional é a autoconsciência do sujeito, na medida em é capaz de reconhecer a existência de uma emoção na altura em esta ocorre.

Em 2003, Goleman junto de Boyatzis e McKEE definiram quatro domínios da inteligência emocional: autoconsciência, autodomínio, consciência social e gestão das relações.

No quadro 1 encontram-se as descrições das competências e domínios definidos pelos autores.

DOMÍNIOS DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E COMPETÊNCIAS ASSOCIADAS (p.59)

COMPETÊNCIAS PESSOAIS: determinam a autogestão

Autoconsciência

- Autoconsciência emocional: ser capaz de ler as suas próprias emoções e de reconhecer os seus efeitos; usar o «instinto» para orientar as decisões.
- Autoavaliação: conhecer as suas próprias forças e os seus próprios limites.
- Autoconfiança: boa noção do seu próprio valor e das suas próprias capacidades.

Autogestão

- Autodomínio emocional: manter debaixo de controlo os impulsos e as emoções destrutivas
- Transparência: mostrar honestidade e integridade; ser de confiança.
- Capacidade de adaptação: flexibilidade que permite adaptação a ambientes de mudança e a situações em que é necessário ultrapassar dificuldades.
- Capacidade de realização: energia para melhorar o desempenho de forma a satisfazer padrões pessoais de excelência.
- Capacidade de iniciativa: estar pronto para agir e aproveitar oportunidades.
- Otimismo: ver o lado positivo dos acontecimentos.

COMPETÊNCIAS SOCIAIS: determinam a gestão das relações.

Consciência social

- Empatia: apreender as emoções dos outros, compreender o ponto de vista deles e estar ativamente interessado nas questões que os preocupam.
- Consciência organizacional: captar as «ondas», as redes de decisão e as políticas que atravessam a organização.
- Espírito de serviço: reconhecer e satisfazer as necessidades dos subordinados e dos clientes.

Gestão das relações

- Liderança inspiradora: utilizar visões irresistíveis para orientar e motivar as pessoas.
- Influência: dominar um conjunto de táticas de persuasão
- Capacidade para desenvolver os outros: desenvolver as capacidades dos outros dando-lhes feedback e orientação.
- Catalisador da mudança: iniciar novas orientações e gerir e orientar pessoas nos novos caminhos.
- Gestão de conflitos: resolver desacordos e disputas.
- Criar laços: cultivar e manter redes de relações
- Espírito de equipa e colaboração: cooperação e capacidade para gerar espírito de equipa.

Quadro 1 – Domínios da Inteligência Emocional e Competências Emocionais Associadas

Fonte: Goleman, D., Boyatzis, R., McKEE, A., 2003, p.59

Após a leitura do quadro é importante saber que as competências da IE não são aptidões inatas, são capacidade adquiridas

Os autores destes domínios investigaram a IE de vários líderes e não encontraram ninguém que dominasse todas as competências, geralmente dominam pelo menos uma competência dos quatro domínios referidos. Ora, um professor nada mais é do que um líder. Alguém que gere o espaço da sala de aula e as interações que se estabelecem com os alunos.

Ainda que a maior parte das pessoas reconheça que o estado de espírito do professor – e o respetivo impacte sobre o estado de espírito dos outros – desempenha um papel importante na sala de aula, é frequente as emoções serem encaradas como não quantificáveis ou como demasiado pessoais para serem abordadas proveitosamente. Contudo os líderes, neste caso os professores, funcionam como guiais emocionais dos grupos. Os líderes têm o poder máximo de dirigir as emoções de todos. Se as emoções das pessoas forem empurradas para o entusiasmo, o desempenho pode melhorar muito; se as pessoas forem encaminhadas para o rancor e para a ansiedade, ficam desorientadas e paralisadas. (Goleman, D., Boyatzis, R., McKEE, A., 2003, p.24 e 25)

Nesta abordagem das emoções, Marujo e Neto (2004) questionam o lugar das emoções positivas na escola. Começam por nos levar a refletir acerca dos temas “oferecidos” aos professores na sua formação contínua ou mesmo nos títulos de livros mais comprados por este grupo profissional: indisciplina, stresse, violência, insucesso, desmotivação escolar...

Goleman,, Boyatzis e McKEE (2003) afirmam que os seguidores procuram sempre no líder uma relação de apoio emocional – procuram empatia.

Para encontrar essa empatia, Cury (2008) com base na IE deu algumas sugestões para melhorar o ambiente em sala de aula, que podem funcionar como estratégias para promover a comunicação.

- ✓ Colocar música ambiente para aliviar a tensão;
- ✓ Dispor as mesas na sala de aula em forma de «U» (olhos nos olhos) para melhorar a concentração e facilitar o contacto visual;
- ✓ Levar os alunos a auto questionarem-se durante a exposição do professor;
- ✓ Contar sinteticamente as suas vivências (exemplo: aventuras, ousadias, derrotas, êxitos, lágrimas e rejeições) em alguns momentos semanais para cruzar o mundo do professor com o do aluno.

Embora certas reflexões possam parecer irrelevantes, pois tal como Goleman, Boyatzis e McKEE (2003) afirmaram, as emoções tendem a cair no descrédito, em que muitas pessoas não se sentem preparadas para fazerem uso das mesmas de forma proveitosa para o seu desempenho. Marujo e Neto (2004) revelam os efeitos da segurança emocional sobre o professor:

- ✓ Amado/respeitado – és escutado, ouve coisas positivas, recebe afeto;
- ✓ Reconhecido – apreciado como pessoa;
- ✓ Motivado;
- ✓ Entrega sem receios;
- ✓ Trabalha em equipa;
- ✓ Bem-humorado;
- ✓ Dá o seu melhor.

Desta forma o professor vai ao encontro do perfil do «professor ideal» traçado pelos alunos, que foi averiguado pelos mesmos autores.

O «professor ideal» visto pelos alunos:

- ✓ Sabe a matéria e ensina bem;
- ✓ É criativo e tem várias maneiras de ensinar;
- ✓ Manifesta sentido de humor;
- ✓ Não trabalha sempre mas também conversa e brinca;
- ✓ É simpático, dedicado, entusiasta, respeitador, justo, amigo e meigo;
- ✓ Dá liberdade e autonomia mas sabe quando parar e fazer parar;
- ✓ Dá limites e orientações de ação;
- ✓ Sabe perdoar, dar segundas oportunidades e compreender.

À pergunta: “Estarão os alunos a pedir de mais?” os autores Marujo e Neto (2004) relembram que os professores de quem mais gostámos, nós que já fomos alunos e agora ensinamos, eram também assim. Ensinaram-nos bem porque, a par das matérias transmitidas, também se interessaram por nós enquanto pessoas, deram-se e relacionaram-se, sonharam os nossos sonhos.

Parte II – ESTUDO EMPÍRICO

4 – Metodologia

Esta investigação enquadra-se no âmbito de um estudo exploratório e transversal, e insere-se numa investigação-ação.

O estudo exploratório e transversal segundo Marta (2006) é um método que não se limita ao levantamento de determinadas questões ou situações, mas implica também observação, um processo de tentativa de descoberta, um exame, uma análise, um estudo, uma avaliação que conduza a conclusões sobre o objeto de observação.

A investigação-ação, segundo Bisquerra (1989) define-se como “um processo planificado de ação, observação, reflexão e avaliação de carácter cíclico, conduzido e negociado pelos agentes implicados, com o propósito de intervirem na sua prática para a melhorar ou para a modificar no sentido da inovação.”

4.1 – Objetivo da investigação

O objetivo desta investigação é conhecer a consciência do impacto das comunicações entre professor/aluno em sala de aula, nomeadamente, em que situações são facilitadoras, ou não, da ação pedagógica.

4.2 – Participantes

Nesta investigação participaram 32 inquiridos, na região do Algarve. Entrevistou-se uma educadora de infância e uma professora de 1º ciclo, ambas do Agrupamento de Escolas de São Bartolomeu de Messines.

O Questionário “Comunicação em sala de aula” foi distribuído em jardins-de-infância e escolas do Agrupamento de Escolas de Albufeira. Inquiriram-se 15 educadores de infância e 15 professores de 1º ciclo.

4.3 – Instrumentos

Ao escolher os instrumentos de recolha de dados temos de ter em consideração a sua pertinência em relação ao objetivo específico da investigação. (Quivy e Campenhoudt, 2003). Como esta investigação direcionou-se a educadores de infância e professores de 1º ciclo decidiu-se contactar com estes profissionais. O objetivo era recolher as suas experiências, opiniões e ideias relacionadas com o tema da

comunicação em sala de aula. Só desta forma foi possível identificar fragilidades ou fatores potenciadores da promoção da competência comunicativa destes.

Os instrumentos selecionados foram: uma entrevista semi diretiva e o Questionário “Comunicação em sala de aula”.

- Entrevista semi diretiva a educadora de infância e professora de 1º ciclo;

Os objetivos da entrevista são: saber se educadores de infância e professores de 1º ciclo têm consciência do impacto das suas comunicações em sala de aula, nomeadamente em que situações são facilitadoras, ou não, da ação e relação pedagógica; e entender como estes profissionais da educação encaram a temática da comunicação em sala de aula para formular, posteriormente, questionários dirigidos a outros educadores e professores de 1º ciclo.

A entrevista tinha um guião (anexo I) com questões abertas e semi abertas. O guião foi construído com base nos dados do enquadramento teórico. Direcionou-se a uma educadora de infância e a uma professora de 1º ciclo, tal como foi referido anteriormente nos Participantes.

As dimensões abordadas na entrevista eram as seguintes:

- Definição de comunicação numa perspetiva comunicacional;
- Competência comunicacional;
- Qualidade da relação pedagógica;
- Barreiras na comunicação por parte do aluno;
- Barreiras na comunicação por parte do professor;
- Facilitadores da comunicação em contexto de sala de aula;
- Influência da relação para a motivação dos alunos e da qualidade do ensino/aprendizagem;
- Expetativas da comunicação em sala de aula;
- Estratégias de regulamentação de atividades pedagógicas através da comunicação;
- Inteligência Emocional;
- Necessidades formativas.

Ambas as entrevistas (anexo II e III) foram realizadas no espaço das salas de aula. No caso do jardim-de-infância, as crianças estavam no recreio pelo que foi possível o silêncio total na sala, já no 1º ciclo isso não foi possível, então existiu um

pouco mais de ruído, mas que não impossibilitou ou perturbou o diálogo entre a entrevistadora e a inquirida.

O clima que se estabeleceu durante as entrevistas foi sereno, tranquilo e de alguma confiança.

Com o consentimento das entrevistadas, as entrevistas foram gravadas em formato áudio.

- Questionário “Comunicação em sala de aula” a professores de 1º ciclo e educadores de infância;

O objetivo do Questionário “Comunicação em sala de aula” é saber se educadores de infância e professores de 1º ciclo têm consciência do impacto das suas comunicações em sala de aula, nomeadamente em que situações são facilitadoras, ou não, da ação e relação pedagógica.

O guião do Questionário “Comunicação em sala de aula” (anexo IV) foi construído com base no levantamento de dados realizado das entrevistas, para uma melhor compreensão da temática.

Realizou-se um pré-teste do Questionário dirigido a 5 alunas do mestrado em educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo do ensino básico. O Questionário também foi avaliado por um especialista em investigação. Com as sugestões recolhidas procedeu-se a algumas alterações no mesmo.

Distribuído no Agrupamento de Escolas de Albufeira, o Questionário “Comunicação em sala de aula” (anexo V) era anónimo e além das questões iniciais relacionadas com a caracterização dos inquiridos, contém ainda 56 questões que permitem uma avaliação sobre as dimensões expressas no **quadro 2**.

Quadro 2 – Dimensões do “Comunicação em sala de aula.

1 - Definição de comunicação numa perspetiva comunicacional	2 - Competência comunicacional	3 - Qualidade da relação pedagógica
4 - Barreiras na comunicação por parte do aluno	5 - Barreiras na comunicação por parte do professor	6 - Facilitadores da comunicação em contexto de sala de aula
7 - Influência da relação para a motivação dos alunos e da qualidade do ensino/aprendizagem	8 - Expetativas da comunicação em sala de aula	9 - Estratégias de regulamentação de atividades pedagógicas através da comunicação
10 - Inteligência Emocional	11 - Necessidades formativas	

As perguntas são na maioria fechadas, com resposta gradativa numa escala de 1 a 6. Cada número tem a seguinte correspondência: 1 – discordo totalmente; 2 – discordo parcialmente; 3- discordo; 4 – concordo; 5 – concordo parcialmente e 6 concordo totalmente. No final do questionário existem duas questões de resposta aberta.

4.4 – Procedimento

A investigação iniciou-se com a pesquisa documental acerca da comunicação em sala de aula, isto permitiu esmiuçar o tema, tornando o seu objetivo mais claro.

Quando o objetivo da investigação ficou definido, partiu-se para a construção do guião da entrevista. Com o guião terminado procurou-se no Agrupamento de Escolas de São Bartolomeu de Messines uma educadora de infância e uma professora de 1º ciclo disponíveis para serem entrevistadas. De acordo com o horário das docentes e após consentimento das mesmas, a coordenadora do pré-escolar e a coordenadora do 1º ciclo sugeriram as entrevistadas que participaram neste estudo.

A realização primeira das entrevistas deveu-se à intenção de levantamento de dados para uma melhor compreensão da temática. Utilizaram-se esses dados para construir algumas questões do Questionário elaborado posteriormente.

Construiu-se o guião dos questionários durante a análise das entrevistas. O questionário foi distribuído em Fevereiro de 2012, a 15 educadores de infância e 15 professores de 1º ciclo.

Pediu-se autorização no Agrupamento de Escolas de Albufeira para distribuir os questionários nessa área escolar. Após a recolha dos mesmos procedeu-se à continuação da análise dos dados, iniciada com as entrevistas.

Após a apresentação e análise dos dados realizou-se a discussão dos dados e a conclusões finais do estudo.

4.5 – Análise dos dados

Os questionários e as entrevistas foram tratados de acordo com as características inerentes a cada instrumento.

As entrevistas foram analisadas através da análise de conteúdo sugerida por Bardin (2009).

Os questionários foram analisados através da estatística descritiva (média e desvio padrão), para tal utilizou-se o programa Excel.

5 –Apresentação e Análise dos dados

Realizaram-se dois estudos considerando que o objetivo da investigação era «conhecer a consciência do impacto das comunicações entre professor/aluno em sala de aula, nomeadamente, em que situações são facilitadoras, ou não, da ação pedagógica.»

O estudo 1 tinha como objetivos: saber se educadores de infância e professores de 1º ciclo têm consciência do impacto das suas comunicações em sala de aula, nomeadamente em que situações são facilitadoras, ou não, da ação e relação pedagógica; e entender como estes profissionais da educação encaram a temática da comunicação em sala de aula para formular, posteriormente, questionários dirigidos a outros educadores e professores de 1º ciclo.

O estudo 2 tinha como objetivo saber se educadores de infância e professores de 1º ciclo têm consciência do impacto das suas comunicações em sala de aula, nomeadamente em que situações são facilitadoras, ou não, da ação e relação pedagógica.

5.1 – Estudo 1

No estudo 1 realizaram-se duas entrevistas: a uma educadora de infância (E1) e a uma professora de 1º ciclo (E2).

5.1.1- Caracterização das entrevistadas

A E1 tem 27 anos e leciona há cerca de 5 anos, inicialmente não conseguiu trabalhar na área e quando conseguiu foi a longa distância da sua terra natal. Formou-se em Coimbra mas reside na zona do Minho. O presente ano letivo (2011/2012), em que foi entrevistada, é o primeiro onde dá aulas no jardim-de-infância onde se encontra.

A E2 tem 38 anos e leciona há cerca de 17 anos. Sempre deu aulas na região do Algarve e presentemente encontra-se efetiva no Agrupamento de São Bartolomeu de Messines, onde dá aulas a uma turma de 3º ano do 1º ciclo. A localidade corresponde à sua naturalidade.

De seguida apresentam-se a análise dos dados que deve ser lida em conjunto com os quadros de análise de conteúdo referenciados.

5.1.2 - Análise dos dados

No **quadro 3** é possível observar que cada uma das entrevistadas expõe uma definição diferente de comunicação educacional, enquanto a entrevistada 1 (E1) foca que comunicar no contexto educacional passa pela necessidade de captar a atenção do aluno, a entrevistada 2 (E2) aborda a questão da confiança ligada à comunicação educacional. Ambas salientam o verbo “transmitir” que relaciona-se com a definição de comunicação na sua forma mais simples. Ou seja, estas revelam que comunicar é transmitir algo ao aluno, neste caso conhecimentos pois é esse o objetivo da escola. Para proceder a essa prática são focadas características como a assertividade e a confiança.

Quadro 3 – Análise de entrevistas. Dimensão da Definição de comunicação educacional.

Dimensão	Indicadores/Unidade de registo		Unidades de contexto	Observações
	Entrevistada 1 (E1)	Entrevistada 2 (E2)		
Definição de comunicação educacional	<ul style="list-style-type: none"> Saber comunicar Forma assertiva de estimular e captar a atenção do aluno Tem como fim o sucesso das aprendizagens Saber transmitir 	<ul style="list-style-type: none"> Dever de cumprir o plano do programa; Transmitir conhecimentos; Estabelecer uma relação professor/aluno com base na confiança; Disponibilidade e abertura do professor para escutar a criança; Estar atento aos problemas da criança no contexto escola, familiar e na comunidade 	<p>“ [...] temos que saber comunicar. Comunicar será a forma assertiva para que consigamos estimular e captar a atenção do aluno para que haja sucesso escolar. Haja sucesso das aprendizagens.” – E1</p> <p>“se não houver uma boa comunicação nunca vai haver uma compreensão do que é que queremos explicar, ou do que queremos transmitir.” – E1</p> <p>“Acho que devemos cumprir o plano do programa.” – E2</p> <p>“O professor comunica com o objetivo de transmitir conhecimentos.” – E2</p> <p>“A criança não tem confiança, não vai transmitir isso ao professor. Nós, convém sabermos o que se passa dentro da sala e fora da sala, ou mesmo em casa.” – E2</p>	<p>Apesar de ambas as entrevistadas afastarem-se um pouco da definição de comunicação, a entrevistada 1 foca a assertividade como parte da definição. Já a entrevistada 2 define que passa por estabelecer uma relação de confiança entre professor/aluno. Apesar de até coincidirem de certa forma nesta opinião, a entrevistada 2 faz referência ao cumprimento do plano. Ambas concordam que a comunicação educacional indica a transmissão conhecimentos.</p>

Quanto à dimensão das competências comunicacionais expressas no **quadro 4**, a E2 foca as habilidades do professor, nomeadamente que este deve ser capaz de promover/estimular a confiança e bem-estar nos alunos. A E1 fala da importância da empatia entre professor/aluno e da necessidade de conhecimento mútuo. Para a E1 o professor deve ser dinâmico/ativo, motivador e com interesse real no aluno.

Ambas as entrevistadas concordam que as competências comunicacionais em contexto educacional têm como objetivo a transmissão de conhecimentos, ou seja consideram que um professor detentor de uma boa competência comunicacional será capaz de transmitir eficazmente conhecimentos ao aluno.

Quadro 4 – Análise de entrevistas. Dimensão das Competências comunicacionais dos professores

Dimensão	Indicadores/Unidade de registo		Unidades de contexto	Observações
	Entrevistada 1 (E1)	Entrevistada 2 (E2)		
Competências comunicacionais dos professores	<ul style="list-style-type: none"> • Objetivo: sucesso das aprendizagens • Empatia • Necessidade de conhecimento de professor/aluno e aluno/professor • Professor comunica para transmitir conhecimentos • Forma de ser: Dinâmico/ativo • Descentralizar-se de si próprio e centralizar-se no aluno • Estimular a motivação dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Transmitir conhecimentos; • Confiança; • Formação/Atualização; • Bem-estar na sala de aula; 	<p>“[...] objetivo do sucesso das aprendizagens [...]se não houver um conhecimento das duas partes, se não houver já um relacionamento anterior, uma empatia, algo de ligação entre os dois, não haverá sucesso [...] comunica sim para transmitir esses conhecimentos.” - E1</p> <p>“não será passivo e centrado nele próprio. Terá que se centrar também no aluno[...] Um professor comunicativo tem de ser um professor ativo e não passivo.” – E1</p> <p>“Compete ao professor tentar motivá-los.” – E1</p> <p>“Um professor que consiga transmitir os conhecimentos, confiança. Que vá tendo formações, que se vá atualizando... e que os miúdos se sintam bem na sala de aula” – E2</p>	<p>A entrevistada 2 aborda itens como a confiança e o bem-estar, que o professor deve promover junto dos alunos.</p> <p>A entrevistada1 além de definir algumas características do professor detentor desta competência, como a empatia, dinamismo, promoção de motivação, entre outros, volta a estar próxima do domínio da inteligência emocional quando refere que o professor deve ser capaz de se centrar no aluno.</p> <p>Aliada à opinião de que existe a necessidade de um conhecimento de professor/aluno, este encadeamento de ideias remete-nos exatamente para uma das dimensões da Inteligência Emocional.</p>

No **quadro 5** relativo à dimensão da qualidade da relação pedagógica, a E1 defende que é importante conhecer os alunos (histórias de vida, vivências) e respeitar as diferenças dos alunos. A E2 resume que a qualidade dessa relação pela comunicação passa pela confiança. Como é referido nas observações, as entrevistadas acabam por encontrar-se nas suas opiniões, embora de forma diferente. A E1 valoriza precisamente o conhecimento do aluno, portanto será necessário alguma confiança para construir esse conhecimento, pois um aluno que não confie no professor dificilmente estará disponível para se dar a conhecer. A confiança é vista pelas entrevistadas como fundamental na comunicação para a qualidade da relação pedagógica.

Quadro 5 – Análise de entrevistas. Dimensão da Qualidade da relação pedagógica.

Dimensão	Indicadores/Unidade de registo		Unidades de contexto	Observações
	Entrevistada 1 (E1)	Entrevistada 2 (E2)		
Qualidade da relação pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> • Respeitar as diferenças dos alunos; • Conhecer os alunos (história de vida, vivências,...) • Conhecer os alunos primeiro individualmente, e depois como turma • Trabalhar de forma individualizada sempre que necessário 	<ul style="list-style-type: none"> • Confiança. 	<p>“todo o aluno é especial [...] todos eles são diferentes. [...]é importante, para nos relacionarmos com ele, conhecer um bocadinho de cada um. [...] primeiro temos que conhece-los individualmente para depois conseguirmos juntar uma turma e conseguirmos trabalhar com uma turma de forma mais ou menos individualizada sempre que for necessário” – E1</p> <p>“Confiança, basicamente confiança.” – E2</p>	<p>O facto da entrevistada 1 enfatizar a importância do conhecimento do aluno, acaba por ir ao encontro da opinião da entrevistada 2 quando refere a confiança. Considerar que os alunos são diferentes e procurar conhecê-los poderá implicar a confiança que a entrevistada 2 refere como necessária na qualidade da relação pedagógica.</p>

No **quadro 6** observa-se que a E1 aponta o barulho/ruído, a falta de motivação e mal-estar, como possíveis barreiras na comunicação do aluno. O professor, a seu ver, deve saber identificar a falta de motivação ou mal-estar no aluno. A E2 também acha que os problemas pessoais do aluno podem afetar a sua comunicação, e sugere que exista um diálogo entre professor/aluno quando surgir uma situação com estes contornos.

Quadro 6 – Análise de entrevistas. Dimensão das Barreiras na comunicação por parte do aluno.

Dimensão	Indicadores/Unidade de registo		Unidades de contexto	Observações
	Entrevistada 1 (E1)	Entrevistada 2 (E2)		
Barreiras na comunicação por parte do aluno	<ul style="list-style-type: none"> • Ruído/barulho • Falta de motivação • Mal-estar do aluno 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações graves na vida do aluno (ex. agressões, abandono, solidão...); • Dificuldade dos alunos exporem os problemas pessoais; • Excesso de horas letivas. 	<p>“se houver ruído[...]não vai haver uma boa transmissão de mensagem” – E1</p> <p>“pode haver falta de motivação do aluno, [...] não nos podemos esquecer de que o aluno pode não estar bem” – E1</p> <p>“[...]às vezes há algumas suspeitas de agressões [...]em casa” – E2</p> <p>“[...]tentamos falar mais com eles e eles às vezes para não ficarem expostos...têm dificuldade, mas nós depois continuamos a fazer questões para ver se eles acabem por falar.” – E2</p> <p>“Acho que o tempo de escola é mais excessivo.” – E2</p>	<p>Aqui a entrevistada 1 revela uma competência da inteligência emocional que passa pelo reconhecimento de emoções no outro, nomeadamente quando refere que o professor tem de ter em atenção que “o aluno pode não estar bem”.</p>

Quanto às barreiras na comunicação do professor, no **quadro 7**, a E1 aponta fatores diretamente ligados ao professor como: falta de motivação, mal-estar, falta de confiança e problemas pessoais. Também aponta fatores externos como: ruído, crianças com Necessidades Educativas Especiais, crianças “inacessíveis”, o facilitismo promovido pelo sistema e estímulos, como os jogos de computador. A E2 também aponta os problemas pessoais do professor como uma barreira, além do déficit de conhecimento entre professor/aluno e a impaciência. Portanto, ambas as entrevistadas consideram que os problemas pessoais do professor poderão ser um obstáculo para que comunique com os alunos.

Quadro 7 – Análise de entrevistas. Dimensão das Barreiras na comunicação por parte do professor.

Dimensão	Indicadores/Unidade de registo		Unidades de contexto	Observações
	Entrevistada 1 (E1)	Entrevistada 2 (E2)		
Barreiras na comunicação por parte do professor	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de motivação • Mal-estar do professor • Ruído • Crianças com NEE • Crianças inacessíveis (por motivos vários) • Falta de confiança • Dificuldade em desassociar os problemas pessoais dentro da sala • Excesso de estímulos dos alunos fora da sala de aula • Descrédito no papel do professor • Facilitismo promovido pelo sistema • Ameaça das novas tecnologias 	<ul style="list-style-type: none"> • Diverge de professor para professor; • Falta de conhecimento dos alunos por parte do professor; • Problemas pessoais do professor; • Impaciência. 	<p>“falta de motivação ou algum problema no professor, pode haver ruído mesmo ruído” – E1</p> <p>“crianças que nós rotulamos com NEE” – E1</p> <p>“Há crianças que se fecham no seu próprio mundo– E1</p> <p>“se não confiarem em nós, não conseguimos chegar até eles.” – E1</p> <p>“podemos sempre dizer que os problemas devem ficar à porta. Era bom que conseguíssemos desligar o botão e irmos só para ali.” – E1</p> <p>“nem sempre se consegue a motivação do aluno” – E1</p> <p>“o professor se calhar está um pouco desacreditado” – E1</p> <p>“Estamos a chegar ao ponto que a educação não pode ter um não, só pode ter sins. [...]é o facilitismo” – E1</p> <p>“a internet, as novas tecnologias que acaba por nós roubar a imaginação, a criatividade” – E1</p> <p>“Depende de pessoa para pessoa.” – E2</p> <p>“Como já estou há 3 anos com estes já sei como é que devo agir.” – E2</p> <p>“Muitas vez o professor se tem problemas em casa, às vezes chega, [...] e não tem tanta paciência.” – E2</p>	<p>A entrevistada 1 encara as novas tecnologias como uma ameaça à comunicação. As duas entrevistadas consideram que os problemas pessoais do professor podem ser uma barreira na comunicação.</p>

Os facilitadores da comunicação, indicados no **quadro 8**, na opinião da E1 são a interação que se estabelece em sala de aula, um ambiente cativante e uma ligação do professor com o aluno. Para a E2 para facilitar este processo é necessário existir um diálogo assíduo entre professor/aluno, cativar a tenção dos alunos e manter as aulas bem planeadas.

É possível unir as duas opiniões no seguinte esquema:

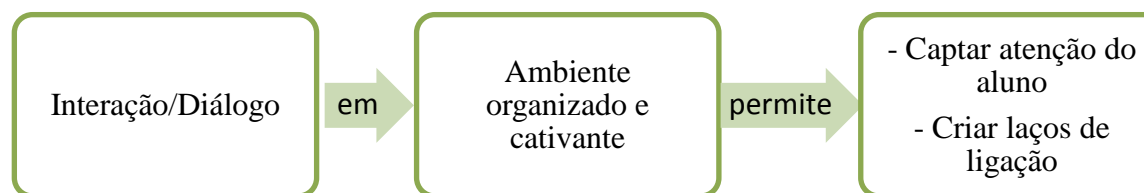


Fig. 2 – Processo facilitador da comunicação

Quadro 8 – Análise de entrevistas. Dimensão dos facilitadores da comunicação.

Dimensão	Indicadores/ Unidades de registo		Unidades de contexto	Observações
	Entrevistada 1 (E1)	Entrevistada 2 (E2)		
Facilitadores da comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • Interação entre professor/aluno e aluno/professor • Professor como promotor de ambiente interativo • Ambiente cativante para alunos • Criar ligação com aluno para partir para a interação 	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo assíduo com alunos; • Exigência de atenção dos alunos; • Condições humanas e materiais; • Qualidade do planeamento do professor; • Diálogo com encarregados de educação. 	<p>“Nós temos que interagir, não é gerir. [...]. Por isso cabe ao professor criar ambiente” – E1</p> <p>“Primeiro temos que criar as condições para depois os cativarmos. E depois sim conseguimos essa interação.” – E1</p> <p>“[...] tentamos falar mais com eles [...]” – E2</p> <p>“quando eu chego à turma esqueço-me praticamente que tenho um problema.” – E2</p> <p>“Condições humanas acho que pronto depende de nós. [...] as condições materiais são muito importantes[...]” – E2</p> <p>“a nossa parte do planear e da aquisição, sem dúvida.” – E2</p> <p>“Falo com os encarregados de educação.” - E2</p>	<p>Enquanto a entrevistada 1 foca a interação entre professor/aluno, a entrevistada 2, por sua vez, valoriza o diálogo assíduo com os alunos. Embora com diferentes discursos, ambas vão ao encontro da opinião, pois para uma boa interação será necessário algum diálogo assíduo. No fundo as opiniões complementam-se. Poder-se-ia dizer que para facilitar a comunicação é necessário uma interação provida de um diálogo assíduo entre professor e aluno. Organizado e cativante, estas seriam características do ambiente ideal para esta interação.</p>

Quando questionadas quanto à influência da relação estabelecida com os alunos relativamente à motivação, no **quando 9** pode-se constatar que a E1 considera que a relação deve partir de uma boa ligação entre professor/aluno, que deve ser baseada na confiança, tranquilidade e concentração. A E2 considera que a influência para a motivação passa por uma harmonia entre professor/aluno e pais. Ou seja, ambas confirmam que a relação influencia a motivação.

Quadro 9 – Análise de entrevistas. Dimensão da Influência da relação para a motivação dos alunos e da qualidade do ensino/aprendizagem.

Dimensão	Indicadores/Unidades de registo		Unidades de contexto	Observações
	Entrevistada 1 (E1)	Entrevistada 2 (E2)		
Influência da relação para a motivação dos alunos e da qualidade do ensino/aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Cativar alunos para ter sucesso da aprendizagem; • Estruturar relação de forma a criar confiança com a criança; • Boa ligação entre professor/aluno • Tranquilidade/Concentração do aluno. 	<ul style="list-style-type: none"> • Harmonia no triângulo: pais, escola/professor, aluno. 	<p>“Primeiro temos que lhes dar o colo, primeiro temos que lhes dar o miminho, depois temos que ir cativando aos poucos para que depois consigamos ter sucesso da aprendizagem. Porque embora o pré-escolar não seja obrigatório é a base do conhecimento e então temos de o tentar estruturar para que crie a confiança necessária” – E1</p> <p>“se tiver uma boa ligação com o professor vai haver uma conversa que o vai tranquilizar, se o vai tranquilizar, ele vai poder conseguir concentrar-se e vai motivar-se para aprender.” – E1</p> <p>“[...] Para mim parte da aprendizagem parte de um triângulo: pais, escola/professor e aluno. [...] Tem de estar em harmonia.” – E2</p>	<p>Mais uma vez a confiança volta a ser citada como importante na relação entre professor/aluno. A relação que transmite tranquilidade e concentração ao aluno, é também considerada pela entrevistada 1 como influente para a motivação dos alunos. A entrevistada 2 resume que a relação é influente para a motivação quando existe uma harmonia entre professor, aluno e pais.</p>

No **quadro 10**, na dimensão das expectativas de um aluno para um professor, a E1 acha que estes esperam motivação, confiança e tranquilidade. Apesar de também considerar que os alunos esperam o saber científico do professor, a docente acha que não esperam que lhes seja exigido muito rigor. A E2 acha que os alunos esperam do professor, alguém com quem eles poderão sempre contar. Poder-se-ia resumir estas opiniões nas seguintes expressões: entendimento, conhecimento e confiança.

Quadro 10 – Análise de entrevistas. Dimensão: “O que um aluno espera de um professor”.

Dimensão	Indicadores/ Unidades de registo		Unidades de contexto	Observações
	Entrevistada 1(E1)	Entrevistada 2 (E2)		
O que um aluno espera de um professor	<ul style="list-style-type: none"> • Motivação • Boa ligação com o professor • Confiança • Tranquilidade • Saber científico • Transmissão de conhecimentos • Pouco rigor 	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno espera que o professor diga o que ele quer ouvir; • Compromisso de assiduidade do professor. 	<p>“Nem sempre a motivação do aluno vem só da relação que tem com o professor mas pode ser um bom ponto de partida” – E1</p> <p>“Se houver uma boa ligação com o professor, se houver uma confiança, pode ajudar” – E1</p> <p>“se tiver uma boa ligação com o professor vai haver uma conversa que o vai tranquilizar” – E1</p> <p>“esperam dos professores, o saber científico.” – E1</p> <p>“O conseguirmos transmitir os conhecimentos que eles precisam, mas ao mesmo tempo não esperam de nós muito rigor” – E1</p> <p>“Eu acho que eles esperam que digamos: “Sim”; “Está tudo bem.” “Não têm trabalhos de casa” “Vão todos passar”. Eu acho que eles esperam basicamente alguém que eles possam ter sempre.” – E2</p>	<p>Curiosamente a entrevistada 1 diz que os alunos esperam que o professor lhes transmita conhecimentos mas que não esperam que lhes seja exigido rigor. A entrevistada 2 diz que os alunos esperam que o professor diga o que ele quer ouvir; mas que acima de tudo que seja alguém com quem eles podem contar.</p>

As estratégias de regulamentação de atividades presentes no **quadro 11**, segundo a E1, no pré-escolar precisam de ter o pedagógico associado ao lúdico, devem ser variadas, utilizar diferentes materiais, promover a autonomia e concentração, e serem acompanhadas de um diálogo individualizado. Para a E2 as estratégias devem passar pela Formação Cívica onde se promovem valores. Ambas as entrevistadas exemplificam estratégias específicas que utilizam na sua sala de aula para apelar ao silêncio, a E1 bate palmas com sentido rítmico e a E2 bate com o apagador na mesa. Ambas dizem que este exemplo aplica-se à turma em específico que lecionam, foi algo que encontraram ao longo da prática e com o conhecimento do grupo de alunos. Resumidamente as entrevistadas consideram que as estratégias devem ser a junção de:



Fig. 3 – Estratégias de comunicação

Quadro 11 – Análise de entrevistas. Dimensão das Estratégias de regulamentação/ promoção de atividades através da comunicação.

Dimensão	Indicadores / Unidades de registo		Unidades de contexto	Observações
	Entrevistada 1 (E1)	Entrevistada 2 (E2)		
Estratégias de regulamentação/ promoção de atividades através da comunicação	<ul style="list-style-type: none"> Associação do pedagógico ao lúdico Promoção da autonomia das crianças Utilizar diferentes estratégias Utilizar materiais variados Bater palmas com sentido 	<ul style="list-style-type: none"> Estratégias de comunicação diferem de aplicação; Formação cívica; Valores (solidariedade, partilha); Despertar curiosidade pelo que rodeia 	<p>“no pré escolar associamos o pedagógico ao lúdico” – E1</p> <p>“Nós queremos crianças autónomas” – E1</p> <p>“Compete ao professor criar estratégias, criar os materiais, os recursos torna-los variáveis– E1</p> <p>“se eu bater as palmas com um sentido rítmico, eles batem igual e a seguir fazem silêncio “ – E1</p> <p>“caso uma criança esteja mais agitada, vou junto dela, tento conversar, tento chamar-lhe à atenção” – E1</p>	<p>As entrevistadas apontam o diálogo, o despertar da curiosidade, a promoção da autonomia e concentração, que são utilizadas através da comunicação como forma de regulamentar atividades na sala de aula. Referem estratégias como “bater palmas em sentido rítmico” e “bater com apagador no quadro”, para apelar ao silêncio ou à calma dos</p>

Quadro 11 – Análise de entrevistas. Dimensão das Estratégias de regulamentação/ promoção de atividades através da comunicação.

Dimensão	Indicadores / Unidades de registo		Unidades de contexto	Observações
	Entrevistada 1 (E1)	Entrevistada 2 (E2)		
	rítmico <ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar a concentração • Diálogo individualizado 	o aluno; <ul style="list-style-type: none"> • Bater com apagador na mesa; • Incutir leitura, pesquisa e comunicação com pessoas próximas. 	<p>“[...] isso das diferentes estratégias de comunicação é uma coisa, estratégias de aplicação é outra” – E2</p> <p>“Fazê-los questionar das coisas. [...] Trabalhar muito a formação cívica. Solidariedade. Partilha.” E2</p> <p>“Bate-se com o apagador na mesa. [...] Adotei esta estratégia [...] e eles associam que é para estar quietos.” – E2</p> <p>“Se nós incutirmos que devem ler, os miúdos continuam a ler, continuam a pesquisar, continuam a ter acesso a comunicar com os avós, com a família.” – E2</p>	alunos.

No **quadro 12**, em relação à inteligência emocional, as entrevistadas revelam não conhecer o conceito. A E1, apesar de divagar um pouco na sua opinião sobre o tema, aproxima-se de dimensões da IE ao afirmar que o aluno pode não estar bem e isso irá influenciar a sua aquisição de conhecimentos, assim como afirma que é necessário distinguir o “eu” profissional do “eu” pessoal, numa tentativa de explicar que o professor precisa saber identificar os sentimentos e saber adequa-los à situação em que se encontra.

Quadro 12– Análise de entrevistas. Dimensão da Inteligência Emocional.

Dimensão	Indicadores / Unidades de registo		Unidades de contexto	Observações
	Entrevistada 1 (E1)	Entrevistada 2 (E2)		
Inteligência emocional	<ul style="list-style-type: none"> • Desconhecimento do conceito • Emocional da criança que influencia a aquisição de conhecimentos • Separar o “eu” pessoal e o “eu” profissional; • Auto controlo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de motivação nos professores; • Gosto pelo trabalho de professor; • Gosto pelo trabalho com os alunos. 	<p>“O conceito não me diz nada” – E1</p> <p>“alguma coisa do emocional da criança não esteja bem, que possa influenciar a sua aquisição de conhecimentos, que possa influenciar a sua disposição para adquirir os conhecimentos, de alguma forma influenciar a inteligência” – E1</p> <p>“ criando recursos com o tempo e acabamos por conseguir gerir minimamente o nosso pessoal, o eu pessoal e o eu profissional” – E1</p> <p>“controlar a si próprio em situações que se calhar em que teria mais descontraído” – E1</p> <p>“ [...] hoje um professor não tem motivação. Sinceramente eu acho que a motivação é mesmo de quem gosta da profissão” – E2</p>	<p>A entrevistada 1, desconhecendo o conceito, considera que deve-se saber gerir o “eu” pessoal e o “eu” profissional. Considera ainda que para motivar as crianças é necessário estar atento à sua disposição, assim como ter auto controlo.</p>

Por último, no **quadro 13**, as entrevistadas apresentaram como necessidades formativas na área da comunicação: o trabalho em grupo, comunicação assertiva, as novas tecnologias e a partilha direta entre professores.

Quadro 13 – Análise de entrevistas. Dimensão das Carências na formação de professores a nível comunicacional.

Dimensão	Indicadores / Unidades de registo		Unidades de contexto	Observações
	Entrevistada 1 (E1)	Entrevistada 2 (E2)		
Carências na formação de professores a nível comunicacional	<ul style="list-style-type: none"> • Novas tecnologias • Comunicação assertiva • Estratégias e formas de estar em grupo 	<ul style="list-style-type: none"> • Varia de professor para professor; • Incentivo à partilha direta. 	<p>“nós é que ainda professores se calhar ainda não nos conseguimos entrar no mundo das tecnologias” – E1</p> <p>“perante a nossa formação inicial não nos é estimulado uma comunicação mais assertiva, acho que nessa parte, possamos todos trabalhar um pouco, estratégias e formas de estar em grupos” – E1</p> <p>“Depende muito de colegas para colegas. [...]Pessoalmente prefiro mais a partilha direta do que indireta.” – E2</p>	Sem serem muito específicas, as entrevistadas referem carências a nível das novas tecnologias, de estratégias para trabalhar em grupo e também a partilha direta entre professores.

Em síntese, esta análise de conteúdo demonstra que as entrevistadas revelam consciência do impacto das comunicações que se estabelecem em sala de aula, ou seja, estas sabem que a forma como comunicam com os alunos influencia a relação interpessoal que constroem com cada um dos elementos da turma.

Relativamente à existência de competências comunicacionais, é possível afirmar que as entrevistadas detêm competências pessoais e sociais de acordo com os domínios da Inteligência Emocional. Mas tal como foi referido, as competências não são inatas e é sempre possível trabalhar para adquirir novas competências que melhorem a forma como comunicamos.

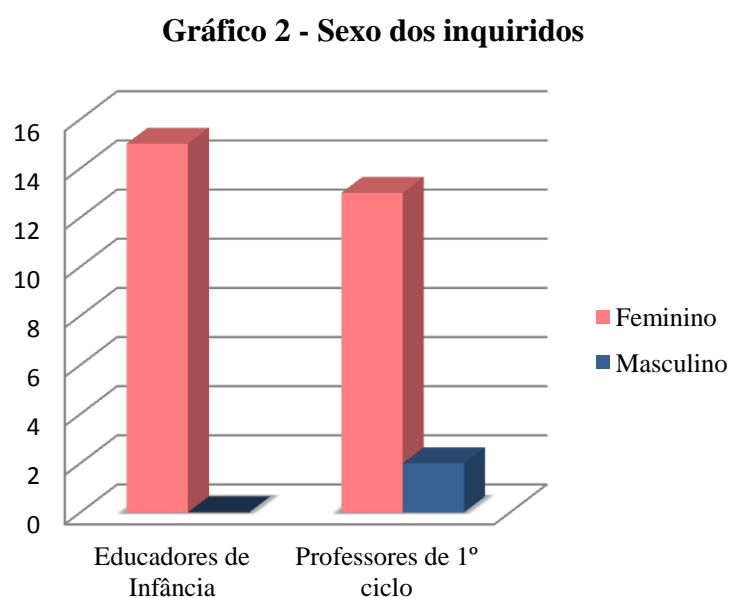
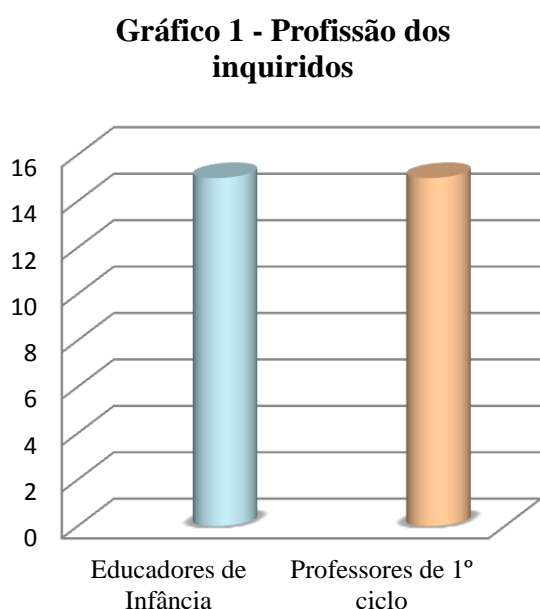
5.2 – Estudo 2

O Questionário “Comunicação em sala de aula” (anexo V) tem como objetivo recolher opiniões, concepções, ideias e dificuldades que estes profissionais têm ao nível da competência comunicacional.

As dimensões que este aborda foram anteriormente referidas no quadro 13.

5.2.1 – Caracterização dos participantes

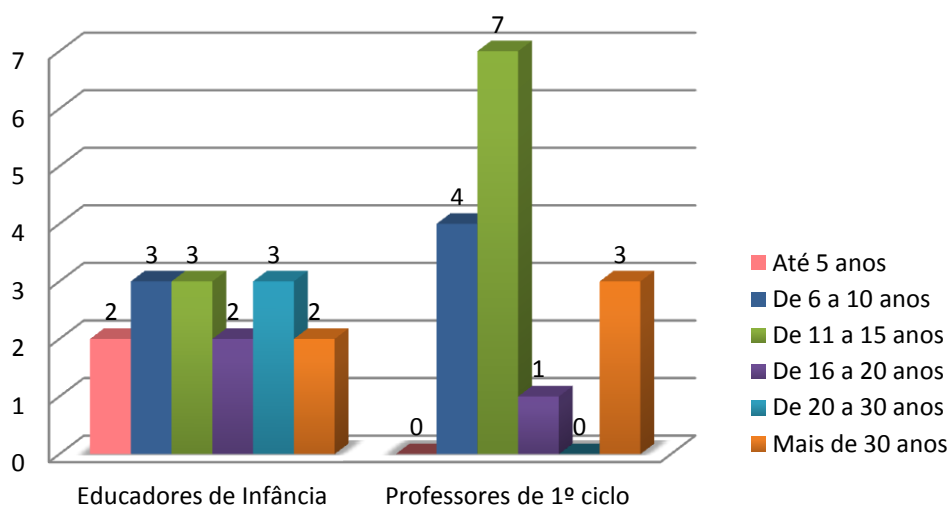
Os participantes pertencem ao Agrupamento de Escolas de Albufeira. Intencionalmente foram distribuídos questionários a 15 educadores de infância e 15 professores de 1º ciclo (gráfico1), e o retorno foi de 100%.



No gráfico 2 verifica-se que relativamente ao sexo dos inquiridos, independentemente da profissão (educadores de infância ou professores de 1ºciclo), a esmagadora maioria é do sexo feminino.

Quanto aos anos de serviço, no gráfico 3 é possível observar, separadamente, os anos de serviço dos educadores de infância e dos professores de 1º ciclo.

Gráfico 3 - Anos de serviço docente



Observamos no gráfico 3 que 9 dos educadores de infância inquiridos, cada 3 tem entre 6 a 15 anos de serviço, ou 20 a 30 anos de serviço. Não se destacou um intervalo de anos de serviço que obtivesse maioria absoluta. Contudo existem educadores em todos os intervalos de serviço questionados. Já nos professores de 1º ciclo, nenhum destes tem até 5 anos de serviço ou de 20 a 30 anos de serviço. A maioria dos professores de 1º ciclo tem 11 a 15 anos de serviço.

No final podemos concluir que do total de participantes no estudo, a maioria dos inquiridos tem entre 11 a 15 anos de serviço.

5.2.2 - Análise dos dados do Questionário “Comunicação em sala de aula.”

Apesar das dimensões referidas anteriormente, o questionário foi organizado de forma mais simples, com alguns títulos que agrupam as perguntas que serão apresentadas de seguida. Serão apresentados alguns dados relevantes para análise das respostas obtidas nos questionários, nomeadamente: média das respostas dos educadores de infância, média das respostas dos professores de 1º ciclo, média de todos os inquiridos e o desvio padrão de todos os inquiridos.

COMUNICAÇÃO

O primeiro grupo de questões, no quadro 14, intitulado de “A Comunicação” compreende as dimensões: Definição de comunicação numa perspetiva comunicacional e Competência comunicacional.

Quadro 14 – Questões do questionário sobre Comunicação

A Comunicação (Com)	
Com1	Comunico na sala de aula para que o aluno adquira conhecimentos.
Com2	Considero que comunico com vista ao cumprimento do programa/metasp de aprendizagem.
Com3	Para que haja sucesso escolar é necessário comunicar de forma assertiva.
Com4	O sucesso da aprendizagem do aluno é influenciado pela forma como o/a professor/a comunica.
Com5	Sinto que quando tenho empatia com um aluno isso irá influenciar no seu desempenho.
Com6	Preciso conhecer os alunos para adaptar a forma como comunico.
Com7	Compete-me a mim, enquanto professor/a, promover a motivação dos alunos.

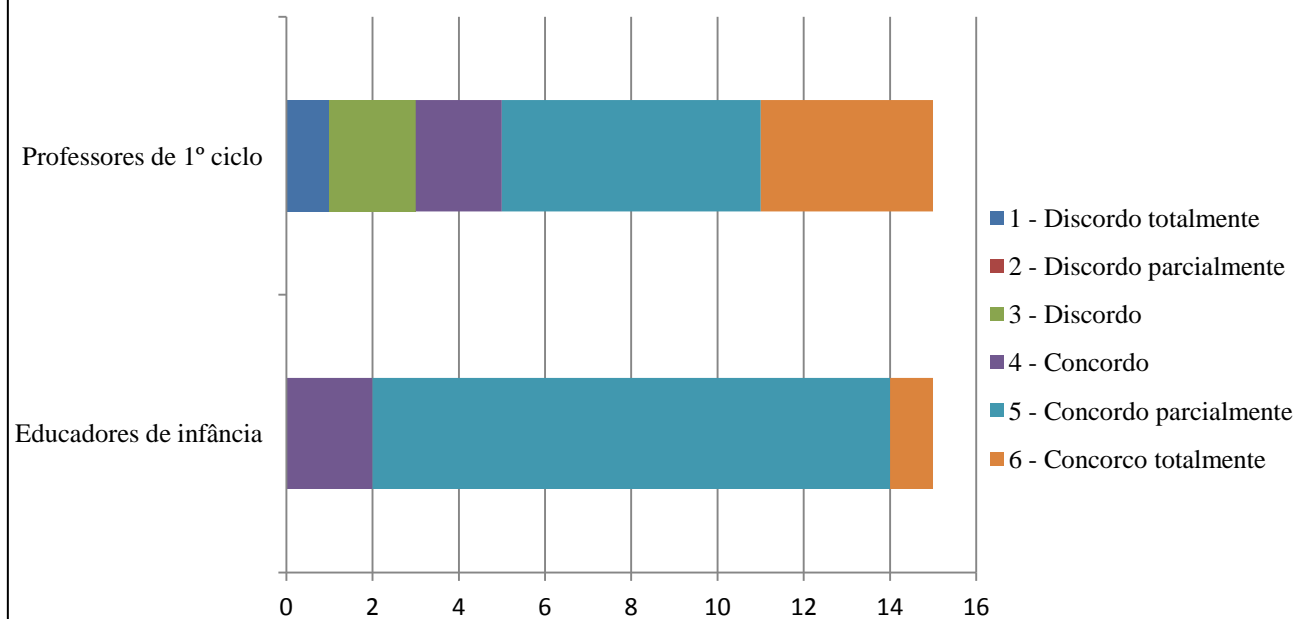
Relativamente a estas questões foi possível observar que em nenhuma das perguntas houve uma grande discrepância na média dos educadores de infância e dos professores de 1º ciclo (tabela 1). Quando à média de todos os inquiridos, esta ronda na maioria entre os 5,1 e os 5,63, ou seja os inquiridos concordam parcialmente com todas as questões deste grupo colocadas.

Tabela 1 – Análise estatística das respostas sobre Comunicação

	Questões						
	Com1	Com2	Com3	Com4	Com5	Com6	Com7
Média educadores	5,40	5,07	5,80	5,53	4,93	5,60	5,40
Média professores 1º ciclo	5,87	5,60	5,73	5,67	4,60	4,60	5,33
Média de todos os inquiridos	5,63	5,33	5,77	5,60	4,77	5,10	5,37
Desvio Padrão	0,67	1,09	0,50	0,50	1,04	0,92	0,76

Na tabela 1 é possível observar que a única pergunta, em que as respostas tiveram uma média um pouco abaixo de 5, foi “Sinto que quando tenho empatia com um aluno isso irá influenciar no seu desempenho”. No gráfico 4 encontram-se as respostas dos inquiridos, em que a maioria respondeu que concordo parcialmente.

Gráfico 4 - Respostas à questão: "Sinto que quando tenho empatia com um aluno isso irá influenciar o seu desempenho."



RELAÇÃO PEDAGÓGICA

O segundo grupo de questões do questionário intitula-se “Relação Pedagógica” e compreende a dimensão: Qualidade da relação pedagógica.

Quadro 15 – Questões do questionário sobre Relação Pedagógica

Relação Pedagógica (RL)	
RL1	Reconheço a importância da relação de confiança que se estabelece entre professor/aluno e aluno/professor.
RL2	Considero que a relação que construo com o grupo dos alunos tem sucesso consoante a forma como comunico.
RL3	Utilizo estratégias de comunicação que promovem a relação assertiva entre os alunos.
RL4	Para me relacionar com um aluno considero importante conhecer as suas vivências anteriores.
RL5	Preocupo-me em conhecer primeiro os alunos individualmente para depois conseguir unir uma turma e conseguir trabalhar com uma turma de forma mais ou menos individualizada.

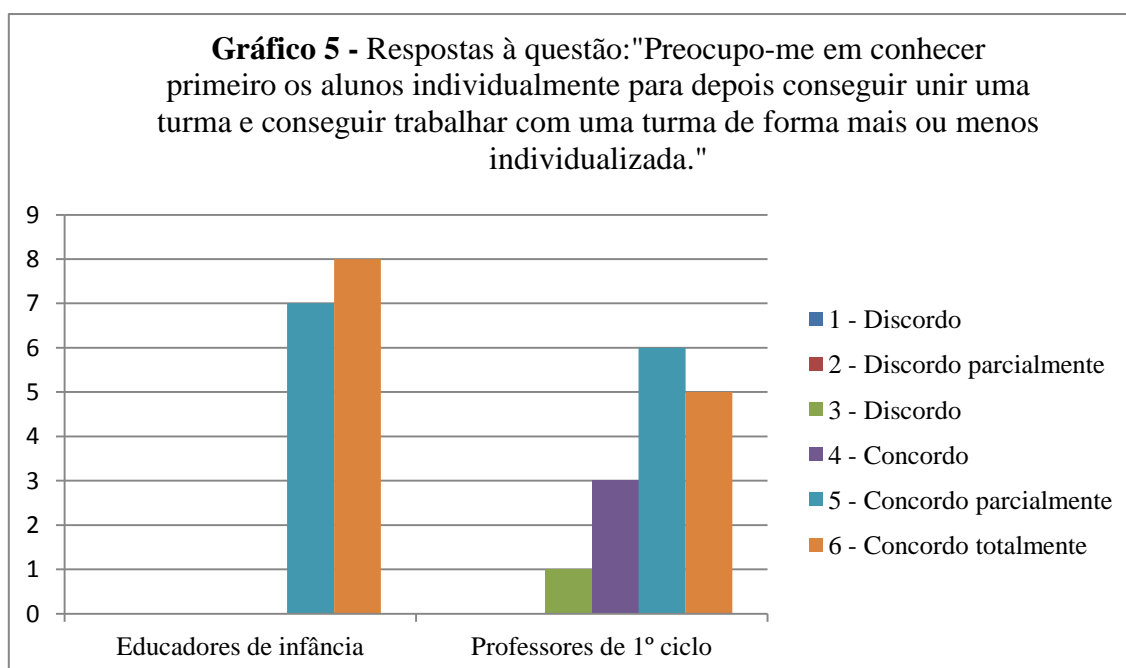
Neste grupo de perguntas, à semelhança do grupo anterior, a média de respostas de todos os inquiridos rondam os valores 5 e 6 (tabela 2), que correspondem ao concordo parcialmente e concordo totalmente. Com 5,77, a primeira questão foi a que obteve a maior concordância, onde os educadores consideraram na sua grande maioria,

que reconhecem a importância da relação de confiança que se estabelece entre professor/aluno.

Tabela 2 – Análise estatística das respostas sobre Relação Pedagógica

	Questões				
	RL1	RL2	RL3	RL4	RL5
Média educadores	6,00	5,27	5,47	5,40	5,53
Média professores 1º ciclo	5,53	5,40	5,47	5,27	5,00
Média de todos os inquiridos	5,77	5,33	5,47	5,33	5,27
Desvio Padrão	0,43	0,66	0,78	0,66	0,78

Curiosamente na última questão, existem mais educadores a concordar totalmente em conhecer primeiro cada aluno individualmente e só depois formar uma turma.



No gráfico 5 é possível observar claramente a dispersão de respostas dos professores de 1º ciclo, desde um professor que discorda com a afirmação, até 5 professores que concordam totalmente. Os educadores de infância posicionam-se maioritariamente no concordo totalmente, enquanto os restantes concordam parcialmente.

BARREIRAS E FACILITADORES DA COMUNICAÇÃO

“Barreiras e facilitadores da comunicação.” é o título do grupo de questões que se segue. Engloba as dimensões: “Barreiras na comunicação por parte do aluno”; “Barreiras na comunicação por parte do professor”; “Facilitadores da comunicação em contexto de sala de aula” e “Influência da relação para a motivação dos alunos e da qualidade do ensino/aprendizagem”.

Quadro 16 – Questões do questionário sobre Barreiras e facilitadores da comunicação

Barreiras e facilitadores da comunicação (BFC)	
BFC1	O ruído/barulho prejudica a aquisição de conhecimentos.
BFC2	A falta de motivação do aluno leva-o a não entender o que o/a professor/a pretende transmitir.
BFC3	Acho que o número de horas letivas é excessivo prejudicando a comunicação do professor com os alunos.
BFC4	É difícil comunicar individualmente com turmas/grupos com muitos alunos.
BFC5	Posso estar desmotivado/a impedindo-me de comunicar da forma que considero mais adequada.
BFC6	Quando tenho um problema pessoal posso estar com menos paciência.
BFC7	Acho difícil chegar a crianças que se fecham no seu “próprio mundo”.
BFC8	Sinto que nem sempre consigo motivar os alunos.
BFC9	O papel do/a professor/a está um pouco desacreditado.
BFC10	Estamos numa época do facilitismo, em que não se pode dizer não.
BFC11	Acho que as novas tecnologias roubam a criatividade e a imaginação.
BFC12	Se tenho um problema quando chego à sala esqueço-me.
BFC13	Crio condições na sala de aula para cativar os alunos.
BFC14	Considero que as condições materiais são importantes para uma boa comunicação.
BFC15	Primeiro temos que dar colo à criança e também algum maminho, depois temos que ir cativando aos poucos para que depois consigamos ter sucesso da aprendizagem.

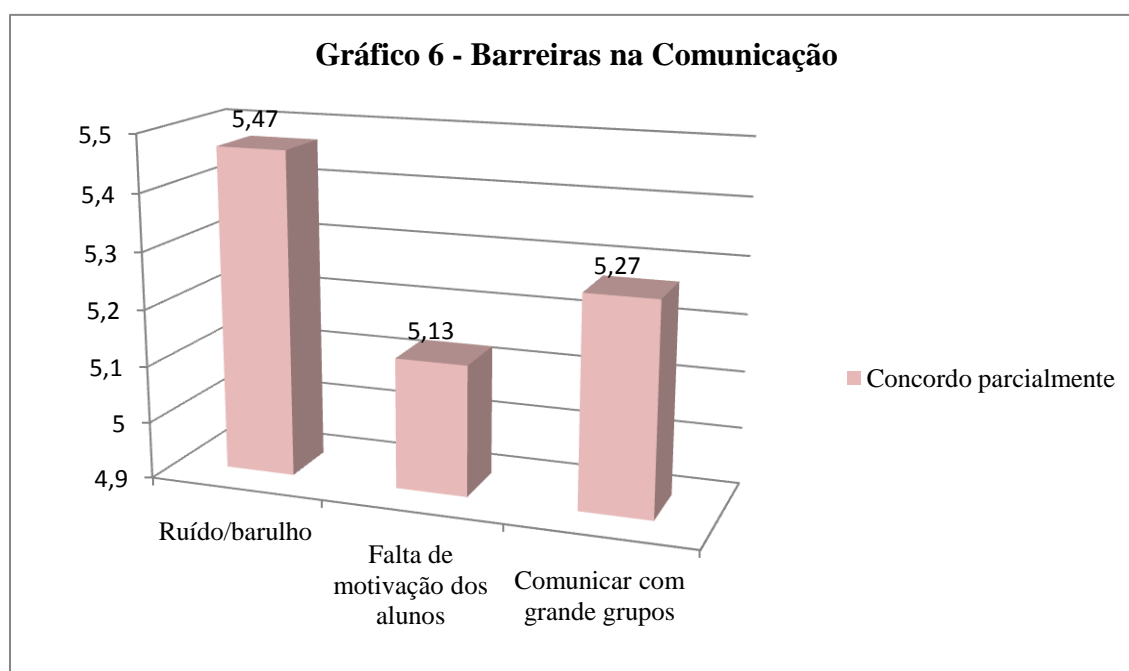
Observam-se algumas diferenças em determinadas questões respondidas pelos docentes das diferentes áreas da educação, como por exemplo em relação ao número de horas letivas (BFC3) que é apontado com excessivo tornando-se uma barreira. A esta questão os educadores de infância discordam, contrariamente aos professores de 1º ciclo que concordam com a afirmação.

Das restantes questões, algumas apresentam diferenças nas respostas dos docentes, mas sem grande significado.

Tabela 3 – Análise estatística das respostas sobre Barreiras e facilitadores da comunicação

	Questões														
	BFC1	BFC2	BFC3	BFC4	BFC5	BFC6	BFC7	BFC8	BFC9	BFC10	BFC11	BFC12	BFC13	BFC14	BFC15
Média educadores	5,60	4,93	3,40	5,27	4,20	3,80	3,73	3,80	4,73	4,07	3,13	4,40	5,53	4,93	5,13
Médias professores 1º ciclo	5,33	5,33	4,73	5,27	4,13	3,80	4,47	4,07	5,47	4,93	3,60	4,53	5,33	4,93	4,07
Média de todos os inquiridos	5,47	5,13	4,07	5,27	4,17	3,80	4,10	3,93	5,10	4,50	3,37	4,47	5,43	4,93	4,60
Desvio Padrão	1,11	1,22	1,48	1,14	1,23	1,19	1,27	1,14	1,12	1,41	1,47	1,25	0,63	0,87	1,13

Com base nos dados da média de todos os inquiridos, no gráfico 6 apresentam-se as três barreiras que foram avaliadas mais relevantes, ou neste caso, que tiveram maior concordância por parte de educadores de infância e professores de 1º ciclo.



O gráfico 6 expõe as médias mais altas que apontam as três principais barreiras à comunicação identificadas. São portanto: o ruído/barulho (5,47), a falta de motivação dos alunos (5,13) e a comunicação com grandes grupos (5,27).

EXPETATIVAS DA COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA

O quarto grupo de perguntas relaciona-se com as “Expectativas da comunicação em sala de aula” e a dimensão a que corresponde intitula-se da mesma forma.

Quadro 17 – Questões do questionário sobre Expectativas da comunicação em sala de aula

Expectativas da comunicação em sala de aula (Exp)	
Exp1	Nem sempre a motivação do aluno vem da relação que tem com o/a professor/a.
Exp2	Os alunos esperam o saber científico do/a professor/a.
Exp3	Os alunos não esperam rigor por parte dos/as professores/as.
Exp4	Os alunos não querem ouvir não dos/as professores/as.
Exp5	Os alunos esperam que o/a professor/a os compreenda e apoie em qualquer situação.
Exp6	Os alunos não valorizam a criatividade e inovação do professor.

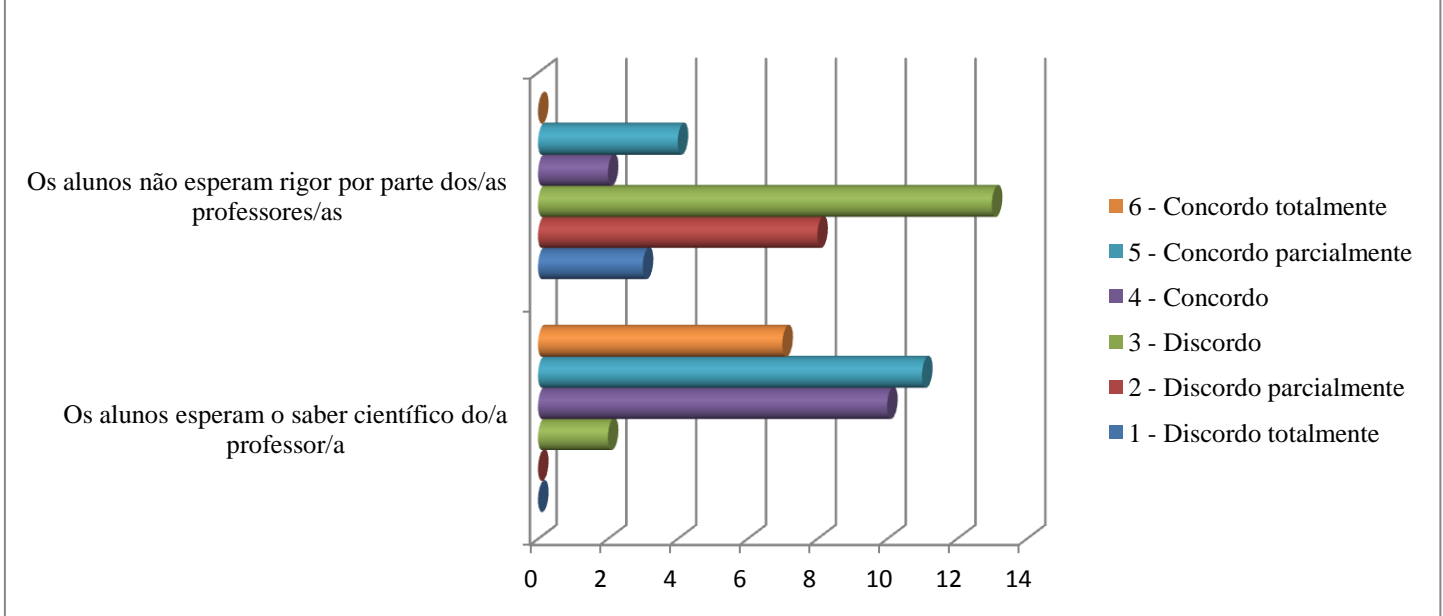
Quanto às expectativas da comunicação em sala de aula, a média das respostas de todos os inquiridos a este grupo de questões, é mais de metade de concordância positiva. Isto tendo em conta que de 1 a 3 é negativa (discordo totalmente, discordo parcialmente e discordo) e de 4 a 6 é positiva (concordo, concordo parcialmente e concordo totalmente).

Tabela 4 – Análise estatística das respostas sobre Expectativas da comunicação em sala de aula.

	Questões					
	Exp1	Exp2	Exp3	Exp4	Exp5	Exp6
Média educadores	4,73	4,80	3,07	3,53	4,93	2,93
Médias professores 1º ciclo	5,00	4,73	2,67	3,53	4,53	3,20
Média de todos os inquiridos	4,87	4,77	2,87	3,53	4,73	3,07
Desvio Padrão	0,90	0,90	1,14	1,36	1,14	1,36

Interessa observar as respostas às questões relacionadas com o saber científico transmitido pelo professor, assim como o rigor. Uma das entrevistadas afirmou durante a sua entrevista, que os alunos esperavam que o professor lhes transmitisse conhecimentos, que revelasse o saber científico, mas que ao mesmo tempo não esperavam que lhes fosse exigido rigor na aquisição desses conhecimentos. Quando defrontados com essas questões, os inquiridos revelam a seguinte opinião exposta no gráfico 7.

Gráfico 7 - Expetativas da Comunicação em sala de aula



Os inquiridos revelam que concordam com a opinião da entrevistada quando concordam na sua grande maioria, que os alunos esperam o saber científico do professor/a. Contudo discordam quanto ao rigor, pois a esmagadora maioria revela uma opinião negativa quanto a esta afirmação, ou seja consideram que os alunos esperam rigor por parte do/a professor/a.

PROMOÇÃO DE ATIVIDADES

O quinto grupo de questões relaciona-se com a “Promoção de atividades” e a dimensão é: “Estratégias de regulamentação de atividades pedagógicas através da comunicação”.

Quadro 18 – Questões do questionário sobre Promoção de atividades

Promoção de atividades (PA)

- PA1** Privilegio a promoção da autonomia nos alunos.
- PA2** Compete-me criar estratégias, materiais e recursos em sala de aula, tornando-os variáveis.
- PA3** É importante levar o aluno a questionar o porquê das coisas.
- PA4** Considero que a trabalhar valores é fundamental no currículo para promover a comunicação.

Com as respostas de todos os inquiridos a rondar uma média entre 5,67 e 5,70, e tendo em conta os valores baixos do desvio padrão, a maioria das educadoras e

professores do 1º ciclo entrevistados concorda parcialmente ou totalmente com as afirmações. Portanto no processo de promoção de atividades, privilegiam a promoção de autonomia nos alunos, assumem a competência de criar estratégias, materiais e recursos variados, confirmam a importância de inculcar o espírito da pesquisa no aluno, assim como consideram que é fundamental trabalhar os valores.

Tabela 5 – Análise estatística das respostas sobre Promoção de atividades

	Questões			
	PA1	PA2	PA3	PA4
Média educadores	5,80	5,73	5,67	5,80
Médias professores 1º ciclo	5,60	5,60	5,67	5,53
Média de todos os inquiridos	5,70	5,67	5,67	5,67
Desvio Padrão	0,47	0,55	0,66	0,61

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

O sexto grupo relaciona-se com a “Inteligência Emocional”, com uma única dimensão que tem o mesmo título, pois os objetivos específicos relacionam-se com esta área da Psicologia que tem características muito específicas, como foi abordado no enquadramento teórico.

Quadro 19 – Questões do questionário sobre Inteligência Emocional

Inteligência Emocional (IE)	
IE1	A motivação dos/as professores/as é mesmo só para quem gosta da profissão.
IE2	Com o tempo acabamos por conseguir gerir o nosso eu pessoal e o eu profissional.
IE3	Reconheço as minhas diferentes emoções positivas.
IE4	Reconheço as minhas diferentes emoções negativas.
IE5	Sei lidar com situações imprevistas.
IE6	Reconheço quando um aluno se sente triste.
IE7	Reconheço quando um aluno se sente desmotivado.
IE8	Reconheço quando um(a) aluno(a) se sente alegre.
IE9	Reconheço quando um aluno se sente motivado.
IE10	Sei fazer facilmente com que um aluno me comunique o que está a sentir.
IE11	Consigo controlar impulsos e emoções destrutivas.
IE12	Sou capaz de reconhecer os efeitos das minhas emoções e utilizo o meu «instinto» para orientar decisões.
IE13	Compreendo o ponto de vista dos alunos e procuro saber as suas preocupações.
IE14	Consigo resolver conflitos que possam surgir na sala de aula.

Tabela 6 – Análise estatística das respostas sobre Inteligência Emocional

	Questões													
	IE1	IE2	IE3	IE4	IE5	IE6	IE7	IE8	IE9	IE10	IE11	IE12	IE13	IE14
Média educadores	3,87	4,87	5,07	5,07	4,93	5,27	5,27	5,33	5,40	4,33	4,67	4,67	4,93	5,20
Médias professores 1º ciclo	4,67	4,87	5,20	5,20	5,13	5,13	5,20	5,20	5,20	4,73	4,67	4,53	5,07	5,20
Média de todos os inquiridos	4,27	4,87	5,13	5,13	5,03	5,20	5,23	5,27	5,30	4,53	4,67	4,60	5,00	5,20
Desvio Padrão	1,39	0,68	0,86	0,86	0,67	0,89	0,86	0,87	0,84	0,68	0,84	0,97	0,79	0,76

Os inquiridos responderam a afirmações que revelam a existência, ou falta, de competências relacionadas com esta área da Psicologia.

Como foi referido anteriormente, a IE pode dividir-se em quatro domínios, dos quais dois destes são das competências pessoais, e os outros dois de competências sociais. Das competências pessoais destacam-se a autoconsciência e auto gestão. Das competências sociais encontramos a consciência social e a gestão das relações.

Revelamos em seguida a que domínio pertence cada questão:

- ❖ Autoconsciência – 1, 2, 3, 4, 5;
- ❖ Autogestão – 11, 12;
- ❖ Consciência social – 6, 7, 8, 9, 13;
- ❖ Gestão das relações – 10, 14.

Quanto ao **domínio da autoconsciência**, a média de todos os inquiridos (tabela 6) revela que estes têm respostas maioritariamente positivas, o que poderá traduzir-se na existência de competências ligadas a este domínio. Contudo é interessante observar que na primeira afirmação, a média dos educadores e dos professores de 1º ciclo varia um pouco. A média mais baixa é dos educadores, ou seja existem mais educadores do que professores do 1º ciclo a discordar que a motivação dos professores é só mesmo para quem gosta da profissão. É também nesta questão deste grupo que o desvio padrão é mais elevado.

O **domínio da autogestão** também apresenta com respostas positivas, segundo a média (tabela 6) de todos os inquiridos que ronda os 4,60 (concordo/ concordo parcialmente). O desvio padrão confirma que os valores não se distanciam entre eles.

O **domínio da consciência social** à semelhança dos grupos anteriores, os educadores e professores de 1º ciclo apresentam concordâncias positivas, pois a média

(tabela 6) ronda 5 (concordo parcialmente). Revelam dar importância à empatia com o aluno, pois assim poderão compreendê-lo.

Por último, dentro das competências sociais, encontramos o **domínio da gestão das relações** em que a média (tabela 6) de todos os inquiridos revela que a maioria destes concorda que consegue fazer com que um aluno comunique o que está a sentir. A maioria concorda parcialmente que conseguem resolver conflitos que possam surgir na sala de aula.

Portanto, a julgar pelas médias obtidas nas respostas de todos os inquiridos, estes revelam competências pessoais e sociais ligadas à Inteligência Emocional.

NECESSIDADES FORMATIVAS

O sétimo grupo de perguntas relaciona-se com as Necessidades Formativas na área da Competência Educacional. A dimensão relativa a este grupo foca-se também nas necessidades formativas, tal como indica o título.

Quadro 20 – Questões do questionário sobre Necessidades Formativas

Necessidades relativas à Competência Educacional (NCE)	
NCE1	Ainda não consegui entrar no mundo das tecnologias.
NCE2	Acho que os/as professores/as não partilham muito experiências e estratégias.
NCE3	Os/As professores/as precisam de trabalhar uma comunicação mais assertiva.

A primeira questão que surgiu de uma das entrevistas anteriormente realizadas, não corresponde à opinião da média dos inquiridos, pois eles discordam parcialmente com a afirmação.

A segunda questão, que também surgiu da entrevista, foi adaptada para o questionário, embora a entrevistada tivesse referido que sentia a falta da partilha direta entre professores, pois considerava que estava tudo muito focado no mundo das tecnologias. Aqui a média (tabela 7) dos inquiridos, 3,53, está no limite entre o “concordo” e o “não concordo”. Ou seja, muitos dos inquiridos acham que os professores não estão a partilhar experiências e estratégias com colegas.

Na última questão deste grupo, embora a média de todos os inquiridos seja de 4,50, a média dos educadores é de exatamente 5 (concordo parcialmente) e a média dos professores de 1º ciclo é exatamente 4 (concordo). Portanto enquanto os educadores

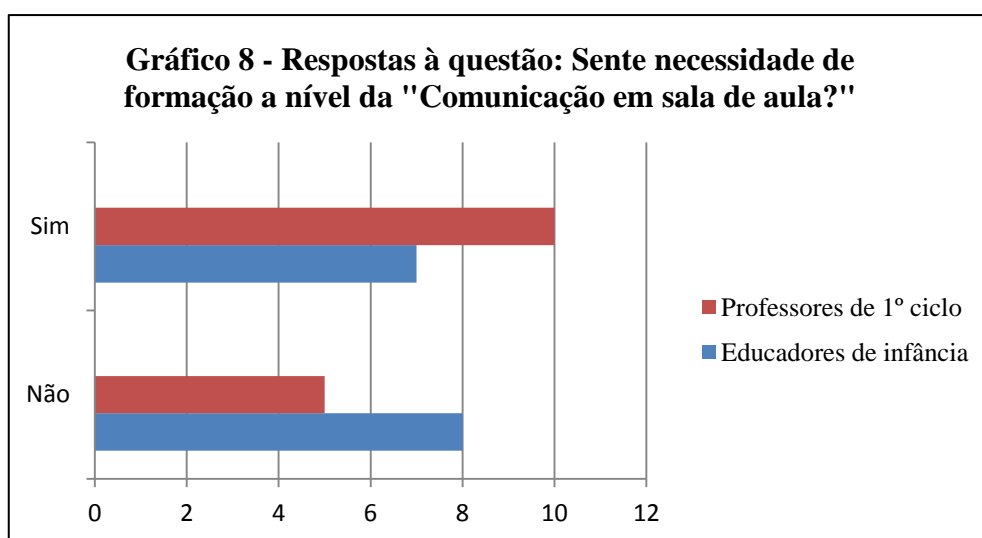
concordam parcialmente com a necessidade de trabalhar uma comunicação mais assertiva, os professores de 1º ciclo concordam que sim.

Tabela 7 – Análise estatística das respostas sobre Necessidades Formativas

	Questões		
	NCE1	NCE2	NCE3
Média educadores	2,40	3,53	5,00
Médias professores 1º ciclo	1,67	3,53	4,00
Média de todos os inquiridos	2,03	3,53	4,50
Desvio Padrão	1,40	1,22	1,07

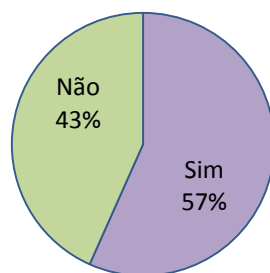
Neste grupo de questões, através ta tabela 7 é possível observar que o desvio padrão foi sempre superior a 1.

Por último questionou-se se os inquiridos sentiam necessidade de formação a nível da “Comunicação em sala de aula”. De seguida podemos observar os resultados.



Através do gráfico 8 é possível observar que os professores de 1º ciclo consideraram, na sua maioria, que necessitavam de formação a este nível. Os educadores de infância, quase metade afirma que sim, que necessita dessa formação, enquanto os restantes participantes desse grupo, que corresponde à maioria, consideram que não necessita.

Gráfico 9 - Respostas à questão: Sente necessidade de formação a nível da "Comunicação em sala de aula"?



Como é possível observar no gráfico 9, a maioria dos inquiridos (57%) sente a necessidade de formação a nível da “Comunicação em sala de aula”.

Quando a resposta fosse afirmativa, a questão seguinte indicava que se especificasse em que área da comunicação os inquiridos sentiam essa necessidade formativa.

Dos que responderam que sim, apenas 59% dos inquiridos indicou a área onde gostaria de adquirir formação, nomeadamente. Sendo que algumas das respostas coincidiram, algumas das sugestões foram:

- Domínio da Expressão Dramática;
- Comunicação com crianças com NEE;
- Tecnologias da Informação e Comunicação (incluindo quadros interativos);
- Gestão de Conflitos;
- Indisciplina;
- Motivação;
- Esclarecimento de dúvidas.

Dos inquiridos que responderam que não necessitavam desta formação, à pergunta que indicava que explicasse o porquê, apenas 15% explicitou a sua opção, em que um afirmou nunca ter passado por “nenhuma situação pertinente” que lhe fizesse sentir essa necessidade, enquanto outro inquirido diz-se conhecedor da Inteligência Emocional e que procura informa-se acerca da mesma e aplicar alguns exercícios que encontra.

No acrescento das informações finais, um dos inquiridos disse o seguinte: “A comunicação é o motor de arranque para o desenrolar de toda a ação dentro da sala de aula”.

6 – Discussão dos resultados

Definimos como objetivo deste estudo: Conhecer a consciência do impacto das comunicações entre professor/aluno em sala de aula, nomeadamente, em que situações são facilitadoras, ou não, da ação e relação pedagógica. Tal como sugere, o estudo está direcionado para uma perspetiva relacional, pois a comunicação tem dois aspetos, o do conteúdo da mensagem, e a forma como a mensagem é tomada, ou seja, a “relação” que se estabelece entre os comunicantes.

Como objetivos específicos procurámos saber algumas opiniões e conhecimentos dos participantes no estudo, nomeadamente acerca de comunicação numa perspetiva educacional, de competência comunicacional, da qualidade da relação pedagógica, de barreiras e facilitadores da comunicação, da influência da relação entre professor/aluno para a prática pedagógica e para a motivação dos alunos, das expectativas da comunicação em sala de aula, das estratégias de regulamentação de atividades pedagógicas através da comunicação, da inteligência emocional e por último, das necessidades formativas nesta área.

Importa mencionar que os resultados de que dispomos para esta discussão dizem apenas respeito ao pequeno universo dos participantes, não sendo nossa intenção tomar como universais as conclusões obtidas. No entanto, consideramos ter pistas que nos motivam a refletir sobre a temática em estudo, partindo das respostas dos professores inquiridos.

- Entrevistas

As entrevistas realizadas tiveram como objetivo primordial o levantamento de dados para auxiliar a elaboração do Questionário “Comunicação em sala de aula” que foi elaborado posteriormente e, também, dirigido a educadores de infância e professores de 1º ciclo.

Os dados recolhidos das respostas das entrevistadas nem sempre vão ao encontro de questões mais científicas sobre o tema, contudo importa refletir sobre algumas das suas opiniões e conhecimentos.

Quando questionadas acerca da definição de comunicação educacional, ambas as entrevistadas demonstraram alguns conhecimentos ao afirmarem que se trata de transmitir algo. Isto encontra-se de acordo com a informação de alguns dicionários de Língua Portuguesa que definem comunicação como: «Ação de transmitir e receber mensagens». Contudo as entrevistadas não focaram o «receber a mensagem», pois toda

a comunicação pressupõe que exista um emissor e um recetor, que podem inverter os papéis em qualquer momento da comunicação que se estabelece.

Nos seus testemunhos, as entrevistadas focam a importância de implantar a confiança e utilizar a assertividade na sua comunicação com os alunos. Carita e Fernandes (2002) afirmam que uma atitude assertiva é facilitadora da relação entre professor/aluno. As mesmas autoras citaram Gordon que caracteriza a base da relação professor/aluno, este em que o autor diz que esta deve ser aberta e transparente, assim como demonstrar cuidado e atenção para com o outro. Estas são características que nos levam à questão da confiança abordada pelas entrevistadas.

Para as entrevistadas o ponto crucial da competência comunicacional é, basicamente, a “capacidade de transmitir conhecimentos.” Perante esta conceção podemos olhar sobre Fleury e Fleury (2001) que cita Le Boterf (1995) ao definir competência: «saber agir responsável e que é reconhecido pelos outros. Implica saber como mobilizar, integrar e transferir os conhecimentos, recursos e habilidades, num determinado contexto profissional.” Ou seja, o próprio conceito de competência envolve a transmissão de conhecimentos e adequação ao contexto, que neste caso é a sala de aula.

Stern e Payment (1999) elaboraram algumas sugestões facilitadoras da comunicação que vão ao encontro de pontos referidos pelas entrevistadas: «Mostrar-se atencioso e preocupado», ao que as entrevistadas referem a necessidade de um “interesse real” no aluno; «Iniciar as aulas de forma diversificada», «Certificar que apela à interação dos alunos e que a molda» e «Encorajar os alunos a serem curiosos» são sugestões mais específicas e que se relacionam com a necessidade do professor ser dinâmico/ativo e motivador, também sugerido pelas entrevistadas. Neste sentido Vieira (2000) afirma que a relação pedagógica será tanto mais eficaz quanto aberta, positiva e construtiva for a comunicação entre professor/aluno.

Uma das entrevistadas também refere a empatia, que segundo um dos dicionários de língua portuguesa é a «identificação afetiva com outra pessoa», contudo não se encontraram autores que afirmassem claramente que esta era uma característica facilitadora da comunicação. A teoria da Inteligência Emocional sim, no seu domínio da consciência social aponta a empatia como uma competência social que determina a gestão das relações. (Goleman, Boyatzis e McKEE, 2003). Pressupomos assim que, na medida em que determinados facilitadores da comunicação referenciados como, a abertura, respeito, sinceridade e transparência na relação associados à consciência

social, podem ser características da relação de empatia que se estabelece. Este poderia ser mote para um outro estudo: «Será que é sempre possível criar empatia com um aluno? Que fatores estão associados a essa relação empática?» Contudo provavelmente, este seria um estudo que além do ramo da educação, teria provavelmente muitas questões do ramo da psicologia, sociologia, entre outras áreas.

Quando uma das entrevistadas refere a necessidade de conhecimento mútuo para a qualidade da relação pedagógica, isso implica, em parte, ter competências a nível da Inteligência Emocional, nomeadamente também no domínio da consciência social, tal como a questão da empatia. Se soubermos «apreender as emoções dos outros, compreender o ponto de vista deles e estar ativamente interessado nas questões que os preocupam» (Goleman,, Boyatzis e McKEE , 2003), isso facilitará o conhecimento que temos do aluno.

As entrevistadas apontaram as seguintes barreiras na comunicação: ruído/barulho, falta de motivação do aluno e ou professor; mal-estar do aluno e ou professor; situações graves na vida do aluno (ex. agressões, abandono, solidão...); dificuldade dos alunos exporem os problemas pessoais; excesso de horas letivas; crianças com NEE; falta de confiança do aluno e/ou professor; problemas pessoais do professor; excesso de estímulos fora da sala de aula; descrédito no papel do professor, falta de conhecimento mútuo, impaciência; facilitismo promovido pelo sistema e a ameaça das novas tecnologias.

Das barreiras, apontadas pelas entrevistas, é possível enquadrá-las na descrição dos principais fatores-causa feita pelo sociólogo Fernando Dias (s.d.) nomeadamente em relação aos *fatores pessoais, fatores sociais, fatores fisiológicos e fatores de personalidade*. É curioso observar que em momento algum foram referidos *fatores de linguagem*. Para Vayer e Destrooper (1992) a falta de compreensão da linguagem da criança é uma das principais causas da não comunicação adulto-criança, isto devido à posição de líder que este assume, para manter o controlo da turma, por vezes acaba por assumir uma atitude mais autoritária, não fazendo uso das suas competências a nível da «consciência social» (Goleman,, Boyatzis e McKEE , 2003).

A interação professor/aluno, assim como o inverso, é apontada pelas entrevistadas como importante, ao mesmo tempo que valorizaram o ambiente e o diálogo assíduo com os alunos. Carita e Fernandes (2002) afirmam que o clima é algo que se sente mal se entra numa sala de aula, segundo os autores em pouco tempo podemos entender o convívio que lá se estabelece.

A educadora de infância entrevistada disse que um aluno espera pouco rigor de um professor, contudo Carita e Fernandes asseguram que a passividade transmite uma mensagem de insegurança e de «deixa andar». Segundo a mesma fonte, a relação entre professor/aluno é beneficiada por uma atitude assertiva.

A professora de 1º ciclo a determinada altura da entrevista diz que os alunos esperam alguém com quem possam sempre contar, ao que o Dias (n.d.) afirmou que «o professor terá sempre nas suas mãos a oportunidade de implementar o desenvolvimento de um clima de segurança», ou seja mais do que uma oportunidade, a professora afirma que essa é uma necessidade perante as expectativas dos alunos.

Relativamente às estratégias de regulamentação/promoção de atividades através da comunicação, ambas as entrevistadas descrevem os seus próprios exemplos, que, curiosamente, relacionam-se com a imposição do silêncio, em tentativas de organizar alguma possível desordem na sala de aula.

Na abordagem à Inteligência Emocional, as entrevistadas confessam não conhecer especificamente o conceito. Curiosamente a entrevistada1 revela algum conhecimento mesmo que “inconsciente” da IE, pois afirma que deve-se saber gerir o “eu” pessoal e o “eu” profissional, em que refere que devemos estar conscientes das atitudes que tomamos e não devemos misturar as diferentes áreas da nossa vida.

-Questionário “Comunicação em sala de aula”

O Questionário foi elaborado por 30 participantes, 15 educadores de infância e 15 professores de 1º ciclo.

A grande maioria dos inquiridos considera (ver quadro 14 e tabela 1) que concorda totalmente que o sucesso escolar está ligado a uma comunicação assertiva. Também considera que o sucesso da aprendizagem do aluno é influenciado pela forma como o professor/a comunica. A motivação do aluno promovida pelo professor também foi incluída pelos inquiridos como relevante. Carita e Fernandes (2002) confirma que o professor detém o poder de influenciar os comportamentos dos alunos, mediante o seu comportamento. Portanto se um professor demonstrar entusiasmo e motivação, provavelmente irá transmitir isso ao aluno. Em relação aos itens questionados, a empatia (gráfico 4) foi onde existiu uma menor concordância uniforme. Nem todos os inquiridos concordaram que a empatia influenciava o desempenho do aluno.

Relativamente à relação pedagógica, a grande maioria dos inquiridos concorda totalmente que reconhece a importância da relação de confiança que se estabelece entre

professor/aluno. (ver tabela 2) Sprinthall e Sprinthall citados por Vieira (p. 43, 2000) atestam que «...a qualidade da relação interpessoal entre o professor e os alunos tem, de facto, um impacto em muitas facetas da interação na sala de aula e em relação ao grau de aprendizagem real do aluno».

A informação do enquadramento teórico não diferencia a relação interpessoal entre os educadores de infância e os seus alunos, da relação interpessoal entre os professores de 1º ciclo e os seus alunos. Contudo encontrou-se uma diferença (gráfico 5) nas respostas dos docentes das diferentes áreas de ensino quanto a uma questão do conhecimento dos alunos. A grande maioria dos educadores reconhece que preocupa-se em conhecer primeiro os alunos individualmente e só depois conseguir unir uma turma. Os professores de 1º ciclo diferem nas suas opiniões e alguns até discordam com essa preocupação questionada.

As maiores barreiras na comunicação avaliadas pelos inquiridos foram: a) Ruído/barulho; b) Falta de motivação dos alunos e c) Comunicar com grandes grupos. Segundo Fernando Dias (s.d.) as últimas duas barreiras relacionam-se com *fatores pessoais* e *fatores sociais*. Já o ruído/barulho pode impedir o recetor da mensagem (figura1) de descodificar a mensagem.

Contrariamente à opinião da entrevistada 1, a maioria dos inquiridos não concorda que os alunos não esperam rigor por parte dos/as professores/as. Concordam que os alunos esperam o saber científico do/a professor/a. Marujo e Neto (2004) destacaram no perfil do «professor ideal» visto pelo alunos, que este “Sabe a matéria e ensina bem”, assim como “Dá limites e orientações de ação”.

Os inquiridos privilegiam a promoção de autonomia nos alunos, assumem a competência de criar estratégias, materiais e recursos variados, confirmam a importância de inculcar o espírito da pesquisa no aluno, assim como consideram que é fundamental trabalhar os valores. Estanqueiro (2010) afirma que o ato de ensinar abrange muito trabalho individual e que cada professor é responsável pelas suas aulas.

No grupo de questões de promoção das atividades deveria ter sido colocada uma questão aberta que pedisse outras sugestões que os próprios docentes aplicassem, ou outras que tivessem conhecimento. Assim limitou-nos a concluir que as possíveis estratégias comunicativas que enriqueçam a promoção de atividades são:

- Privilegiar a autonomia do aluno;
- Criar estratégias, materiais e recursos variados;

- Inculcar o espírito de curiosidade nos alunos;
- Dar especial enfoque à questão dos valores.

A promoção de autonomia sugerida pela educadora de infância vai ao encontro Gordon citado por Carita e Fernandes (2002) que dá importância ao *distanciamento* que permite a cada um crescer e desenvolver-se como ser singular.

Os inquiridos revelam competências pessoais e sociais associadas à Inteligência Emocional. Goleman, Boyatzis, McKEE (2003) lembram que as competências da IE não são capacidades inatas, são capacidades adquiridas.

Conclusão

Tendo em consideração os objetivos definidos para o presente estudo, as questões de pesquisa que o orientaram na sua realização, e feita a apresentação e análise dos dados, bem como a sua análise no conjunto, é chegado o momento de fazer algumas considerações, que se sistematizam aspectos relevantes como: os resultados do estudo, os seus limites e relevância, as pistas de trabalho futuro e os contributos do estudo.

Este estudo proporcionou alguns dados interessantes. Focado nas competências comunicacionais dos professores, o estudo está direcionado numa perspetiva relacional, isto porque toda a comunicação tem dois aspetos, um relativo ao “conteúdo” da mensagem, e outro relativo ao modo como essa mensagem deve ser tomada, ou seja à relação entre os comunicantes. É aí que nos encontramos.

Caritas e Fernandes (2002) afirmam que investigações realizadas comprovam que o professor detém o poder de influenciar os comportamentos dos alunos, consoante o seu próprio comportamento. Aqui surge a necessidade do chamado *autoconhecimento* do professor devido à necessidade deste estar consciente de que o seu modo de se relacionar é importante, pois o professor, como adulto e líder na sala de aula, ainda é a pessoa-referência das crianças com quem trabalha. Conhecer-se e canalizar esse conhecimento para moldar a sua ação permite que o professor desenvolva relações interpessoais positivas com os seus alunos. Segundo Leitão, Fortunato e Freitas (2006, p.884) os relacionamentos interpessoais, e a sua envolvência emocional, são processos interativos de extrema importância para a organização da vida em sociedade.

A investigação não revelou grandes diferenças quanto à consciência do impacto da comunicação entre educadores de infância e professores de 1º ciclo. Não existia como objetivo esmiuçar essa hipótese, tanto que os estudos 1 e 2 procuraram ser universais para ambas as áreas de ensino. Houve apenas uma questão em que se encontrou alguma diferença nas respostas dos docentes. Na questão que abordava a preocupação de conhecer primeiramente um aluno individualmente e só depois unir uma turma. Os educadores de infância demonstraram, na sua maioria deter essa preocupação, enquanto os professores de 1º ciclo, nem todos concordaram que essa deveria ser uma preocupação.

Vieira (2000) afirma que atualmente exige-se que o professor seja dotado de competências comunicacionais que tenham em vista um melhor relacionamento com os seus alunos. Os dados dos estudos realizados demonstram que os educadores de infância

e professores de 1º ciclo estão conscientes da importância da sua comunicação em sala de aula e da influência desta para os seus alunos.

Neste estudo os inquiridos revelaram dar importância às relações interpessoais que se estabelecem na sala de aula. A confiança foi dos itens considerados mais relevantes nessa relação. A par da confiança também se encontra a assertividade, o saber e rigor científico. Os professores acham que os alunos esperam encontrar estas características num professor. Todas as considerações relativas à comunicação que foram retiradas dos dados do estudo encontram-se fundamentadas por diversos autores, como é possível verificar no enquadramento teórico.

Foi interessante observar que não houve alusão à linguagem por parte das entrevistadas. Embora as questões incidissem nas relações interpessoais, tinham liberdade para opinar sobre a comunicação na sua generalidade.

As barreiras identificadas prenderam-se sobretudo com fatores pessoais, sociais e fisiológicos, além do barulho/ruído. As competências da Inteligência Emocional (IE) ajudam a atenuar estes fatores, evitando que se tornem barreiras intransponíveis em sala de aula.

Embora os inquiridos revelam-se competências pessoais e pessoais da IE, Goleman, Boyatzis, e McKEE (2003) declaram que nas suas investigações nesta área revelaram que ninguém detém na totalidade todas as competências da IE. Contudo como estas não são capacidades inatas, é sempre possível adquirir novas competências e melhorar as competências já adquiridas.

Na realização deste estudo, confrontámo-nos com fatores que limitaram a sua elaboração. Um dos principais fatores foi a distribuição e posterior recolha de questionários, pois nem sempre há disponibilidade por parte dos inquiridos.

A falta de bibliografia específica sobre competência comunicacional também não facilitou a elaboração do enquadramento teórico.

Tal como é característico dos questionários com perguntas de resposta fechada, a sua análise limita-se exatamente às opções de respostas que damos aos inquiridos. Acontece que há sempre aquele sentimento de que em determinadas questões queremos saber um pouco mais da opinião dos inquiridos. Por exemplo na questão das necessidades formativas em que se questionava que se os professores/as não partilhavam muito experiências e estratégias, a média de respostas (3,53) andou no limite entre o “concordo” e “não concordo”. Seria interessante saber a opinião de quem

concorda, se afinal acha que essa partilha devia ser feita e de que forma. Desta forma, essa poderia também ser uma pista para as estratégias de comunicação.

Apesar deste estudo apresentar um contributo atualizado e organizado, este não foi um quadro completo e definitivo dos conhecimentos já disponíveis sobre os processos de comunicação, assim como das competências associadas.

Não esgotando a compreensão dos processos comunicativos em contexto de sala de aula, propomos que se realizem novos estudos que envolvam a observação da ação de professores em salas de aula, ou se recolha diários de bordo também realizado por professores.

A realização das entrevistas levou-nos a refletir sobre a visão dos professores sobre o panorama atual da educação. Nas próprias entrevistas que apesar de estarem direcionadas para o tema da comunicação, as professoras entrevistadas acabam por alargar as suas opiniões a outras questões do ramo da educação, como por exemplo, o excesso de horas letivas ou a relação família-escola. Isto que para dizer que este não é um instrumento que se esgota neste estudo, apesar de ter sido utilizado para este fim, poderia ser explorado noutra perspetiva e sugerir novas questões de estudo.

No que diz respeito à nossa própria formação e desenvolvimento, este estudo assume uma importância relevante. Organizado, direto e prático, assim se define este estudo, que como foi referido inicialmente, pretende ser um guia que um professor pode consultar facilmente para refletir sobre a sua prática e ajustar a sua ação pedagógica.

Espera-se que este estudo seja uma abertura para conteúdos relacionados com a competência comunicativa na formação inicial e contínua de professores. Dessa forma levar-se-á os docentes a refletir acerca das suas competências pessoais e sociais, no âmbito da Inteligência Emocional, e da importância das mesmas nos seus pensamentos e ações em sala de aula.

Referências Bibliográficas

- Apolinário M. (2007). *A Arte da Guerra para professores*. Brasília: Thesaurus.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Edições 70: Lisboa.
- Bisquerra, R. (1989). *Metodos de Investigación Educativa*. Barcelona: CEAC.
- Bitti, P. R., Zani, B. (1997) *A Comunicação como Processo Social*. 2ªed. Editorial Estampa: Lisboa.
- Caetano, J., Rasquilha, L. (2007). *Gestão e Planeamento de Comunicação*. Lisboa: Quimera Editores.
- Carita, A., Fernandes, F. (2002) *Indisciplina na sala de aula. Como prevenir? Como remediar?* 3ªed. Editorial Presença: Barcarena.
- Citelli A. (2004). *Comunicação e educação. A linguagem em movimento*. São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- Cury, A. (2008) *O código da inteligência. A formação de mentes brilhantes e a busca da excelência emocional e profissional*. Pergaminho: Lisboa.
- Cury A. (2005). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes. Como formar jovens felizes e inteligentes*. Cascais: Editora Pergaminho, 8ªed.
- Estanqueiro A. (2010). *Boas Práticas na Educação. O Papel dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Goleman D. (2010) *Inteligência Emocional*. Temas e Debates.
- Goleman, D., Boyatzis, R., McKEE, A. (2003) *Os novos líderes. A inteligência emocional nas organizações*. 2ª ed. Gradiva: Lisboa

- Marujo, H. Á., Neto, L. M. (2004) *Optimismo e Esperança na Educação. Formas inspiradoras para uma escola criativa*. Editorial Presença: Lisboa
- Matos, G.G. (2010), “Educação sem comunicação não faz sentido”, in Maria Lúcia Gomes de Matos (org.), *Nuvens que passam...E-papers*: Rio de Janeiro.
- Ornellas M. L. S. (2005) *Afetos manifestos na sala de aula*. São Paulo: Annablume.
- Quivy, R., Campendhout, L.V. (2003) *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva: Lisboa.
- Sim-Sim I., Silva A. C., Nunes C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância. Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Stern, N. Payment, M. (1999) *Manual Pedagógico Sobre as Práticas do Ensino. Não sabote o próprio sucesso!* 2ªed. Lyon Edições: Mem Martins.
- Tornero, J. M. P. (coord.) (2007) *Comunicação e Educação na Sociedade da Informação. Novas linguagens e consciência crítica*. Porto Editora: Porto.
- Vayer, P., Destrooper, J. (1992) *A Dinâmica da Acção Educativa. Para a infância, normal e/ou inadaptada*. 2ªed. Instituto Piaget: Lisboa.
- Vieira H. (2005). *A Comunicação na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença, 2ªed.

Webgrafia

- Dias F. N. (s.d.) – *Comunicação e Relação Pedagógica (Contributos para uma Recentragem da Comunicação)* (Documento [www](http://www.sociuslogia.com/artigos/Comunicacao_e_Relacao_Pedagogica.pdf)).URL: http://www.sociuslogia.com/artigos/Comunicacao_e_Relacao_Pedagogica.pdf
[consultado em 2011-10-19]

Fleury, M. T. L., Fleury, A. (2001) *Construindo o conceito de competência* (Documento www) URL: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v5nspe/v5nspea10.pdf> [consultado em 2012-04-17)

Leitão S.P., Fortunato G., Freitas A. S. (2006) *Relacionamentos interpessoais e emoções nas organizações: uma visão biológica* (Documento www) URL: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n5/a07v40n5.pdf> [consultado em 2011-10-28]

Petry L., Jorge V. (2009) *Relações interpessoais no ambiente escolar sob a Visão de professores de ciências e matemática* (Documento www) URL: http://www.projetos.unijui.edu.br/matematica/cd_egem/fscommand/CC/CC_36.pdf [consultado em 2011-10-28]

Anexos

Anexo I - Guião da entrevista

Enquadramento da entrevista: Estudo exploratório transversal numa perspetiva de Investigação-Ação

Objetivos da entrevista:

- Saber se educadores de infância e professores de 1º ciclo têm consciência do impacto das suas comunicações em sala de aula, nomeadamente em que situações são facilitadoras, ou não, da ação e relação pedagógica.
- Entender como estes profissionais da educação encaram a temática da comunicação em sala de aula para formular, posteriormente, questionários dirigidos a outros educadores e professores de 1º ciclo.

Entrevistados: Educador(a) de infância e Professor(a) de 1º ciclo

Entrevistador: Marisa Vargas

Meio de comunicação: tipo – oral (se consentida, gravada)

Tempo previsto de entrevista: de 20 a 30 minutos

Objetivo geral	Objetivos específicos	Dimensão	Tópicos / Exemplos de questões
Conhecer consciência do impacto das comunicações em sala de aula, nomeadamente em que situações são facilitadoras, ou não, da ação e relação pedagógica.	Caracterizar o entrevistado	Caracterização do entrevistado	<p><i>Sexo</i> Femino Masculino</p> <p><i>Qual a sua área de ensino?</i> Pré-Escolar 1º ciclo</p> <p><i>Quantos anos de serviço docente tem?</i></p>
	Conhecer a definição de comunicação numa perspetiva educacional	Definição de comunicação numa perspetiva educacional	<p><i>Para si o que é comunicar no contexto educacional?</i></p> <p><i>Na sua opinião, o professor comunica com os alunos com que objetivo?</i></p> <p><i>“A falta de comunicação gera mal entendidos, gera desconforto, desconfiança e ausência de motivação.” Concorda com esta afirmação? Exemplifique uma situação imaginada, em sala de aula, que demonstre a afirmação.</i></p>
	Identificar competências comunicacionais	Competência comunicacional	<i>O que considera um professor com competência comunicacional?</i>

	Conhecer a qualidade da relação pedagógica	Qualidade da relação pedagógica	<i>O que considera ser uma boa relação entre professor e aluno? E professor/turma?</i>
	Identificar as barreiras na comunicação	Barreiras na comunicação	<i>Quais são os principais entraves à comunicação entre professor e aluno?</i> <i>Alguma vez sentiu que queria comunicar com um aluno, mas que de alguma forma não conseguia transmitir o pretendido? Se sim, como contornou a situação?</i> <i>Em caso de algum problema pessoal, seja de cariz familiar ou até mesmo mal-estar físico ou psicológico, de que forma esses fatores podem influenciar a comunicação do professor na sala de aula?</i>
	Identificar os facilitadores da comunicação em contexto de sala de aula	Facilitadores da comunicação	<i>No programa do 1º ciclo encontra-se a seguinte afirmação: “... cabe ao professor criar condições materiais e humanas de verdadeira comunicação.” Acha que também se aplica ao pré escola? Que condições acha que se refere? Dê um exemplo.</i>
	Conhecer a influência da relação para a motivação dos alunos e da qualidade do ensino/aprendizagem	Influência da relação para a prática pedagógica Influência da relação para a motivação dos alunos	<i>Considera que a qualidade da comunicação influencia a prática pedagógica? De que forma?</i> <i>Pensa que a motivação dos alunos está diretamente relacionada com a relação que se estabelece com o professor? Justifique.</i>
	Conhecer as expectativas da comunicação em sala de aula	Expectativas da comunicação em sala de aula	<i>O que é que os alunos esperam dos professores em termos comunicacionais?</i> <i>Considera existirem vantagens para os alunos, em termos de relação educativa, que os professores utilizem diferentes estratégias de comunicação?</i>
	Conhecer estratégias de	Estratégias de regulamentação	<i>Num momento de atividade como capta a atenção dos alunos quando sente que estão desatentos ou</i>

	regulamentação de atividades através da comunicação	de atividades pedagógicas através da comunicação	<p><i>mais agitados? Utiliza alguma (s) estratégia (s)?</i></p> <p><i>Se repara que um aluno tem vindo a mostrar-se mais desmotivado no decorrer das aulas, como resolve essa situação?</i></p> <p><i>Segundo Ornellas, outrora a escola era o principal meio de difusão de conhecimento e informação. Atualmente a situação alterou-se pois as crianças têm acesso a novos meios, que muitas vezes são mais motivadores do que os que encontram nas salas de aula.</i></p> <p><i>Assumindo esta realidade, de que forma (s) considera que os professores podem contornar esta situação?</i></p>
	Saber se existe conhecimento da inteligência emocional	Inteligência Emocional	<p><i>Já ouviu a expressão: inteligência emocional? Se sim, o que sabe acerca do tema?</i></p> <p><i>Ainda em relação à inteligência emocional como se posiciona no desenvolvimento de auto conhecimento emocional, controle emocional, auto motivação, reconhecimento de emoções em outras pessoas e habilidade em relacionamentos?</i></p>
	Identificar necessidades formativas a nível da competência comunicativa	Necessidades formativas	<p><i>Quais as necessidades formativas que sente a nível de competências comunicativas? E em relação a outros colegas professores?</i></p>
	Recolher comentários/sugestões do entrevistado	Comentários/sugestões do entrevistado	<p><i>Tem algo a acrescentar? Comentário ou sugestão?</i></p> <p><i>Agradeço a sua disponibilidade e colaboração, fundamentais para a consecução desta tarefa</i></p>

Anexo II

Estratégias para o desenvolvimento da competência comunicativa em educadores de infância e professores de 1º ciclo

(Transcrição de entrevista a educadora)

Entrevistadora - Para si o que é comunicar no contexto educacional?

Educadora de infância - Comunicar no contexto educacional é termos em atenção que além de sermos professores e querermos que o aluno assuma conhecimentos, temos que saber comunicar. Comunicar será a forma assertiva para que consigamos estimular e captar a atenção do aluno para que haja sucesso escolar. Haja sucesso das aprendizagens.

Entrevistadora - Na sua opinião, o professor comunica com os alunos com que objetivo?

Educadora de infância - O professor comunica com os alunos com o objetivo do sucesso das aprendizagens, tal como referi anteriormente, porque se não houver empatia durante a comunicação, se não houver um conhecimento das duas partes, se não houver já um relacionamento anterior, uma empatia, algo de ligação entre os dois, não haverá sucesso das aprendizagens, por isso o professor comunica sim para transmitir esses conhecimentos, mas para isso tudo tem de haver aquela empatia entre ambos.

Entrevistadora - “A falta de comunicação gera mal entendidos, gera desconforto, desconfiança e ausência de motivação.” Concorda com esta afirmação? Exemplifique uma situação imaginada, em sala de aula, que demonstre a afirmação.

Educadora de infância - Concordo. É assim tanto entre o professor e o aluno, como entre dois adultos, se não houver uma boa comunicação nunca vai haver uma compreensão do que é que queremos explicar, ou do que queremos transmitir. Lógico que vai causar mau estar a seguir. Se não houver uma explicação bem clara de tudo, também as crianças ou os jovens, os alunos não vão conseguir adquirir essas matérias, por isso se houver ruído, como se costuma dizer no canal de comunicação, não vai haver uma boa transmissão de mensagem e lógico não vai haver aquisição de conhecimentos. Causa sempre mal entendidos e má estruturação de aprendizagem.

Entrevistadora - O que considera um professor com competência comunicacional?

Educadora de infância - Um professor com competência comunicacional não será passivo e centrado nele próprio. Terá que se centrar também no aluno, porque se centrar só no seu conhecimento e não na capacidade que o aluno pode ou não captar ou adquirir os conhecimentos nunca vai conseguir comunicar, não vai ser comunicativo. Vai ser um professor passivo. Transmite o conhecimento mas não se preocupa se o aluno vai adquiri-los ou não. Um professor comunicativa tem de ser um professor ativo e não passivo. Se for passivo não sabe se a mensagem chega, ou o conhecimento chega. Se ele for ativo há sempre ligação entre ambos tal como falava aquela interação entre ambos, para saber se foi ou não adquirido os conhecimentos.

Entrevistadora - Então o ativo...?

Educadora de infância - Conhecer o aluno e estar preocupado em transmitir de forma a que o aluno compreenda, e não ser somente de lançar os conhecimentos e esperar que o aluno os agarre, mas sim ser comunicativo na forma de que lança os conhecimentos mas preocupa-se em que chegue de forma adequada, de forma a que o aluno os perceba.

Entrevistadora - O que considera ser uma boa relação entre professor e aluno? E professor/turma?

Educadora de infância - Primeiro e antes de mais, temos que nos lembrar, e falamos muito disso hoje em dia, de que todo o aluno é especial, tem as suas características especiais e temos que tentar aproximar o mais possível de cada um deles porque todos eles são diferentes. Todos eles trazem de casa, vamos imaginar uma bagagem, todos eles trazem qualquer coisa com eles. E é isso que é importante, para nos relacionarmos com ele, conhecer um bocadinho de cada um. Lógico que depois de conhecer um bocadinho de cada um e tentarmos transformar cada um num grupo e aí sim transformamos numa turma, conseguimos relacionarmos com todos, mas primeiro temos que conhece-los individualmente para depois conseguirmos juntar uma turma e conseguirmos trabalhar com uma turma de forma mais ou menos individualizada sempre que for necessário mas sempre como turma. Ou seja acho que primeiro temos que partir por partes, para depois irmos ao todo.

Entrevistadora - Quais são os principais entraves à comunicação entre professor e aluno?

Educadora de infância - Aqui está, se eu há pouco falava em ruídos no canal de comunicação em que a mensagem não chega ao destinatário, pode haver falta de motivação do aluno, pode haver falta de motivação ou algum problema no professor, pode haver ruído mesmo ruído, barulhos na sala que impeça a mensagem de chegar ao aluno. São inúmeras as coisas que podem influenciar, mas essencialmente não nos podemos esquecer de que o aluno pode não estar bem ou o professor pode

não estar bem. Logo a partir daí não está o problema na mensagem que se transmite, mas nas pessoas em si. Mas pronto, o que pode acontecer é os ruídos na mensagem que impedem que ela chegue.

Entrevistadora - Alguma vez sentiu que queria comunicar com um aluno, mas que de alguma forma não conseguia transmitir o pretendido? Se sim, como contornou a situação?

Educadora de infância - Sim há sempre situações pontuais que nos fazem ver isso mesmo, e neste caso refiro-me a crianças que nós rotulamos com NEE e aí notamos, sim. Que às vezes há situações adjacentes à educação que não permite que se consiga comunicar com eles. Há crianças que se fecham no seu próprio mundo por situações familiares, por situações só dele, por mau estar da criança que não permite que se chegue a ele [...] Falo conseguir chegar à criança sem que a criança confie em nós, que poderemos partilhar com eles, há sempre...

Entrevistadora - A confiança é importante?

Educadora de infância - Sim, se não houver aquela ligação... Talvez eu refira muito a confiança porque no pré escolar são crianças que vêm do colo das mães, alguns já vêm de creches e têm a socialização mais alargada. Quando eles vêm de casa, se não confiarem em nós, não conseguimos chegar até eles. Primeiro temos que lhes dar o colo, primeiro temos que lhes dar o maminho, depois temos que ir cativando aos poucos para que depois consigamos ter sucesso da aprendizagem. Porque embora o pré escolar não seja obrigatório é a base do conhecimento e então temos de o tentar estruturar para que crie a confiança necessária para depois as aquisições serem... Por isso acho essa ligação importante.

Entrevistadora - Em caso de algum problema pessoal, seja de cariz familiar ou até mesmo mal-estar físico ou psicológico, de que forma esses fatores podem influenciar a comunicação do professor na sala de aula?

Educadora de infância - Pode, muito embora podemos sempre dizer que os problemas devem ficar à porta e nunca devem entrar connosco. Era muito bom que conseguíssemos desligar o botão e irmos só para ali. Aprendemos com o tempo, vamos criando recursos com o tempo e acabamos por conseguir gerir minimamente o nosso pessoal, o eu pessoal e o eu profissional, tentamos gerir os dois e acabamos por tentar... agora o eu profissional e depois é o eu pessoal, mas acaba sempre por influenciar.

Entrevistadora - No programa do 1º ciclo encontra-se a seguinte afirmação: “... cabe ao professor criar condições materiais e humanas de verdadeira comunicação.” Acha que também se aplica ao pré escola? Que condições acha que se refere? Dê um exemplo.

Educadora de infância - Sim, se não formos nós a tentar construir... Esta afirmação é assim...

Entrevistadora - Será que depende só professor?

Educadora de infância - Não é assim, voltamos a falar da comunicação. Não depende só do professor, como eu referi há pouco, o professor pode ser o gestor não é? Vamos imaginar que isto é tudo uma conta bancária que nós temos que gerir tudo aquilo, mas não. Nós temos que interagir, não é gerir. Por isso cabe ao professor se calhar ser o gestor, mas ao mesmo tempo gerir automaticamente porque tem que haver a interação, porque se não houver, não conseguimos atingir então essa comunicação. Por isso cabe ao professor criar ambiente. Cabe ao professor criar essa ligação mas não é só ele o interveniente, mas sim cabe ao professor gerir tudo isso.

Entrevistadora - Pelo menos lançar essas condições?

Educadora de infância - Criar as condições, porque se não criarmos nós as condições também não conseguimos cativá-los. Primeiro temos que criar as condições para depois os cativarmos. E depois sim conseguimos essa interação. Primeiro a ligação, depois a interação.

Entrevistadora - Considera que a qualidade da comunicação influencia a prática pedagógica? De que forma?

Educadora de infância - Sim, concordo que influencia a prática pedagógica. Tal como eu dizia há pouco, se nós formos passivos, se não interagirmos, se não nos aproximarmos deles, se ficarmos só preocupados em lançar os conhecimentos... Porque acima de tudo e mais no pré escolar associamos o pedagógico ao lúdico, porque se não nos aproximarmos deles como crianças e só os vemos como crianças na sua essência, que precisam de brincar, precisam de ser estimulados na sua essência. Se nos preocuparmos só com a parte pedagógica ou só com o conhecimento, não nos conseguimos aproximar deles. Por isso, ou seja, se eu fosse passivo, se eu tivesse muito quietinho e não me aproximasse dele não conseguia a prática pedagógica, não conseguia dar-lhe os conhecimentos, por isso acho que temos que... a nossa maneira de estar, é isso que eu quero dizer... A nossa maneira de estar, de sermos ativos com eles, influencia tudo o que é a prática pedagógica, claro que influencia tudo o que é transmitir-lhes conhecimentos, mas temos que nos aproximar consoante cada um deles, cada um é especial. Então mais no pré escolar, é mais lúdico, nos outros ensinos provavelmente terá de ser mais científico não é?

Entrevistadora - Adaptar não é?

Educadora de infância - Uma adaptação.

Entrevistadora - Pensa que a motivação dos alunos está diretamente relacionada com a relação que se estabelece com o professor? Justifique.

Educadora de infância - Nem sempre. Nem sempre a motivação do aluno vem só da relação que tem com o professor mas pode ser um bom ponto de partida. Se houver uma boa ligação com o professor, se houver uma confiança, pode ajudar a que a motivação seja diferente. Vou usar um exemplo. Se uma criança está com um problema em casa. Se tiver confiança com o professor, vai chegar perto dele e vai dizer “Olha tive este problema em casa.” E só se tiver uma boa ligação com o professor vai haver uma conversa que o vai tranquilizar, se o vai tranquilizar, ele vai poder conseguir concentrar-se e vai motivar-se para aprender. Se não houver essa ligação anterior, a motivação pode não surgir, muito embora pode haver uma boa ligação, ou uma boa tentativa do professor, e nem sempre se consegue a motivação do aluno. Há sempre coisas que influenciam a motivação, de várias formas.

Entrevistadora - Quais fatores?

Educadora de infância - Externos. Mesmo a própria criança. Nem todas as crianças têm que ter capacidade para aprender. Podem ... Eu costumo dizer que nem todos temos de ser doutores, também podemos ser carpinteiros ou sapateiros. Cada um na sua área. Por isso a criança nem sempre tem a motivação. Compete ao professor tentar motivá-los.

Entrevistadora - O que é que os alunos esperam dos professores em termos comunicacionais?

Educadora de infância - Bem hoje em dia estamos assim numa fase estranha da relação entre professor aluno, aluno professor, mas pronto. Assim eu acho que a nível geral os alunos esperam dos professores, o saber científico. O conseguirmos transmitir os conhecimentos que eles precisam, mas ao mesmo tempo não esperam de nós muito rigor, enquanto nós esperamos que eles queiram o rigor. Eles não esperam muito rigor. Acho que estamos a criar o ensino do facilitismo, é a desmotivação que vem associado. Há muitas... eles têm tantos estímulos neste momento que o professor se calhar está um pouco desacreditado, muito embora continua a ter algum poder de transmissão de conhecimentos. Realmente o saber científico, o saber saber, transmitir realmente conhecimento, acho que continuamos a ter esse papel, muito embora...

Entrevistadora - E será que eles acham isso pelo que vem de casa? Que os pais dizem: “O professor está lá para ensinar”?

Educadora de infância - Eu acho que hoje em dia o professor já não é visto como professor. Está um bocadinho desacreditado perante as famílias porque se voltarmos uns anos atrás no início de... sei lá... se voltarmos ao Estado Novo era muito rigoroso também não vamos tao longe, mas o professor tinha um papel, era aquele que transmitia, hoje o professor tem o papel de educar, de transmitir conhecimentos, mas os pais nem sempre nos atribuem esse papel, então andamos aqui numa situação complicada, o professor tem esse dever e esse papel, mas depois os pais nem sempre o atribuem nem sempre o compreendem e depois andamos aqui assim num jogo difícil, às vezes a relação entre família e escola tornar-se às vezes um bocadinho complicado por falta desta ligação ou porque, é por aquilo que eu dizia há pouco, o papel do professor está um bocadinho desacreditado, está a perder um bocadinho de valor que tinha anteriormente mas sim acaba por ser a ideia geral da sociedade, o professor realmente tem que transmitir conhecimentos mas ao mesmo tempo tem que ter a capacidade de gerir esses conhecimentos e não pode... Estamos a chegar ao ponto que a educação não pode ter um não, só pode ter sins. O problema está quando o professor diz não, ou então diz: “Olha tu realmente erras-te e agora tens que tentar superar” mas não tem que também dar tudo para superar, pode estimular para que ele tente sozinho porque o que é que nós queremos? Nós queremos crianças autónomas, com capacidade de irem à procura do conhecimento. Se nós lhe vamos dar todas as ferramentas, não vale a pena. É a mesma coisa não lhe vou dar o peixe, vou-lhe dar uma cana e vou ensina-lo a pescar, senão ele não vai pescar. E então acaba por não haver motivação porque estamos a chegar a uma época em que não pode haver não, tal como eu dizia há pouco, e o facilitismo. E eles têm tantos estímulos à volta deles que a escola não tem necessidade, para eles não faz sentido, para alguns, porque enquanto anteriormente o livro tinha um poder, neste momento a internet tem muito mais, mas a internet é um mundo tão grande que o livro não é, o livro fecha-se, a internet está sempre aberta. E a internet está a roubar... Não está a roubar, nós é que ainda professores se calhar ainda não nos conseguimos entrar no mundo das tecnologias e acho que é aí que estamos ainda. Está uma barreira. A tecnologia está a roubar o direito, ou o papel do professor e a internet é um mundo tão grande que acho que está a sugar o papel.

Entrevistadora - Segundo Ornellas, outrora a escola era o principal meio de difusão de conhecimento e informação. Atualmente a situação alterou-se pois as crianças têm acesso a novos meios, que muitas vezes são mais motivadores do que os que encontram nas salas de aula. Assumindo esta realidade, de que forma (s) considera que os professores podem contornar esta situação?

Educadora de infância - Pois esta situação está difícil de contornar mesmo. Para já acho que ainda não há estratégias, ou ainda não há algo que... também nunca vai haver um remédio que seja eficaz a 100% para resolver qualquer tipo de situações destas. Realmente a internet, as novas tecnologias é um meio fácil que acaba por nós roubar a imaginação, a criatividade. Nós tínhamos crianças há uns anos atrás que brincavam e imaginavam de um pedaço de madeira, de um pequeno galho de uma árvore, conseguiam imaginar essas coisas, hoje em dia não vemos uma criança a sair de casa para ir brincar na rua. Também é verdade que as condições de segurança não o permitem, mas o que é que acontece? As crianças perderam a criatividade, na mesma forma que perderam a criatividade, é mais fácil chegar à internet, num motor de busca: “Olha quero saber hoje sobre o ciclo da água”... O professor aquilo que vai dizer, ele já foi buscar à internet. Se é verdadeiro, se não é verdadeiro, se houve uma seleção, ou se não houve uma seleção, não sabemos, mas não precisam de ir perguntar ao professor. Anteriormente tínhamos um aluno que para saber do ciclo da água, ou ia a um livro ou então de uma forma mais fácil e era talvez mais acarinhada e que lhe dava alguma segurança, era perguntar ao professor. Hoje não precisamos, nem precisamos de ir à biblioteca buscar um livro, nem precisamos de ir perguntar ao professor, porque se eu quero saber eu vou à internet buscar. Há o rigor científico, ou não, mas está tudo na internet.

Entrevistadora - Mas no pré-escolar já sente isso?

Educadora de infância - O que eu sinto no pré escolar não tem a ver muito com a internet, tem a ver com excesso de playstation, excesso de..... jogos de computador não verifico tanto, é engraçado que... atenção que eu estou num meio mais restrito, mais limitado a nível economicamente e tudo, não se assiste a eles jogarem muito computador, muitos deles experimentam o computador pela primeira vez no jardim de infância. Eu também lhes permito que eles usem o computador no jardim de infância porque já o 1º ciclo inclui no 1º ano, já começam a ter contacto e a trabalhar no computador, então tentei também os mais velhinhos terem logo o contacto, para a passagem para o 1º ciclo.

Mas não noto tanto... Se eu tivesse numa cidade eu acredito que sim porque eu já me aconteceu ter uma criança que dominava completamente tudo o que fosse jogos de computador na internet, ele sabia melhor ir buscar do que eu, por isso eles acabam por dominar muito mais, já no pré escolar, do que... dantes quem ensinava, o professor dantes dizia: “olha agora vais aqui, agora vais...” Agora eles já dominam aquilo muito melhor do que nós. Eu falo por mim, também não sou muito ligada às novas tecnologias e se calhar perco um pouco.

Entrevistadora - Considera existirem vantagens para os alunos, em termos de relação educativa, que os professores utilizem diferentes estratégias de comunicação?

Sim porque se não usarmos... Se usarmos sempre a mesma estratégia, se ele não percebeu bem à primeira, se usarmos a mesma estratégia a seguir ele também não vai perceber bem à segunda, e assim sucessivamente. Compete ao professor criar realmente... há pouco falávamos em materiais, em... Compete ao professor criar estratégias, criar os materiais, os recursos torna-los variáveis para que o aluno consiga tomar várias formas de contacto para que seja mais fácil estimulá-lo e que ele consiga adquirir mais facilmente.

Entrevistadora - Nota isso na sua sala quando traz algo de novo?

Educadora de infância - Na minha sala, falo mais dos que estou a preparar para o 1º ciclo., porque com as novas metas que saíram para o pré-escolar houve algum nível de exigência para o pré-escolar. É bom, é bom pelo menos estamos todos de acordo. Sai as metas do pré-escolar, sai as metas do 1º ciclo e assim sucessivamente. E eu noto que no meu caso, na minha realidade tendo em conta que é uma aldeia, as crianças aceitam tudo o que é novidade porque tal como eu dizia há pouco... não têm contacto com as novas tecnologias. Estão um bocadinho consumistas ali do raio dos bonecos dos desenhos animados e dos gormittis e faiscamacquen, mas depois ainda gostam de jogos tão simples como o jogo de memória, em que as imagens estão viradas ao contrário e se viram. OU seja os pequenos recursos que lhe possa mostrar, para eles é um desafio e eles gostam disso sim. Ainda não é assim deslumbrante. Por exemplo adquiri... eles adquiriram peixes para a sala, é uma novidade, se eu cantar uma canção do peixe, onde é que o peixe vive, para eles é bom, eles gostam de explorar ainda... Ainda há sede de conhecimento, o professor ainda consegue assumir um papel de líder.

Entrevistadora - Num momento de atividade como capta a atenção dos alunos quando sente que estão desatentos ou mais agitados? Utiliza alguma (s) estratégia (s)?

Educadora de infância - Bem na minha faixa etária, às vezes o barulho é assim um bocadito. Eu criei estratégias, isto já vem do ano anterior, em que nós não chamamos à atenção, não nada. Criámos o hábito se eu bater as palmas com um sentido rítmico, eles batem igual e a seguir fazem silêncio e isto começou com a professora de música que nós achávamos que os miúdos estavam com problemas de concentração e tentámos trabalhar a concentração de outra forma e começámos assim. Ela começou e eu apercebi-me que resultava e então é assim que os chamo à atenção. Há outras formas, ou... mas se ele tiver mais agitado, por exemplo se uma criança esteja mais agitada, vou junto dela, tento conversar, tento chamar-lhe à atenção, sem sempre se consegue acalmar na sala de aula, retiro um bocadinho da sala de aula e levo-a até ao escritório, conversamos um pouco e tento acalmá-la, se

for só um elemento. Se for a nível geral, faço por palmas, que eles associaram. Às vezes não respondem logo ao primeiro, mas fazemos duas, três vezes até que eles se apercebem. Explico-lhes que estavam a fazer barulho, têm que falar mais baixo e pronto e assim vamos conseguindo chamar à atenção essencialmente no barulho, porque se há barulho já estão na conversa, já não estão a fazer o que lhes foi solicitado e então depois eles voltam à tarefa.

Entrevistadora - Se repara que um aluno tem vindo a mostrar-se mais desmotivado no decorrer das aulas, como resolve essa situação?

Educadora de infância - É assim primeiro dou sempre uma tolerância, nem sempre estamos bem e nem sempre estamos... nos apetece estar ali, ou até acordei bem disposto ou hoje não me apetecia se calhar... pronto. Há sempre aquele desconto de não poder estar bem com ele próprio, ou ter-lhe acontecido alguma situação em que ele não esteja tão bem, pronto há sempre um desconto. Se a situação se mantiver, tento falar com a criança, tento perceber com a criança, se não conseguir com a criança, de alguma forma eu não perceber se está tudo bem com ele não, tento falar com o encarregado de educação, tento perceber se em casa está tudo bem, se ele tem dormido bem, se ele se tem queixado de alguma coisa da escola e a mim não me está a dizer, mas que pode ter dito em casa, tento perceber se há de alguma forma algum problema, ou alguma situação que esteja a condicionar a sua desmotivação

Entrevistadora - Já ouviu a expressão: inteligência emocional? Se sim, o que sabe acerca do tema?

Educadora de infância - Bem a expressão... O conceito não me diz nada. Talvez associar, tal como eu estava a dizer há pouco, que se a parte... alguma coisa do emocional da criança não esteja bem, que possa influenciar a sua aquisição de conhecimentos, que possa influenciar a sua disposição para adquirir os conhecimentos, de alguma forma influenciar a inteligência... pois não me parece, porque inteligente é uma coisa que está intrínseca, não tem qualquer, não tem a ver com o exterior, mas pode ser, se no caso de um distúrbio emocional que influencia a aquisição de conhecimentos.

Entrevistadora - Ainda em relação à inteligência emocional como se posiciona no desenvolvimento de auto conhecimento emocional, controle emocional, auto motivação, reconhecimento de emoções em outras pessoas e habilidade em relacionamentos?

Educadora de infância - Pronto a nível de... Como não conheço bem o conceito se calhar não darei a resposta que pretende... Associando a inteligência emocional ao auto conhecimento emocional é a capacidade que a criança tem de conhecer e controlar as suas emoções.

Entrevistadora - Em relação ao professor...

Educadora de infância - O professor acaba por... se não tiver bem a nível emocional, se não conseguir deixar os seus problemas à porta da escola e entrar limpinho e pronto para um dia de aulas, tudo isso vai influenciar a sua maneira de motivar as crianças, de estar mais atento à disposição das crianças, de se controlar a si próprio em situações que se calhar em que teria mais descontraído provavelmente isso também irá influenciar o comportamento com as crianças, com a maneira como vai transmitir os conhecimentos, provavelmente o mau estar emocional, se é isto que eu estou a perceber vai influenciar todo o desencadear da comunicação. Vai... não me vou controlar tanto, não vou se calhar motivar, não me vou motivar a mim porque não estou motivada nem vou conseguir motivar, não vou estar tão desperto para pequenos pormenores das crianças porque não soube deixar o meu problema à porta da escola e ir sozinha, sem nada para a sala de aula

Entrevistadora - Quais as necessidades formativas que sente a nível de competências comunicativas? E em relação a outros colegas professores?

Educadora de infância - Aqui mais... não digo que haja uma necessidade, eu acho que cada um adquire depois da formação inicial, uma postura diferente perante as turmas, perante a maneira de estar e acho que aí é mais o respeito pela diferença dos outros porque nem todos temos a mesma postura perante uma turma e acho que se houver respeito por essa diferença, não há nada de necessário, muito embora acho que perante a nossa formação inicial não nos é estimulado uma comunicação mais assertiva, acho que nessa parte, possamos todos trabalhar um pouco, estratégias e formas de estar em grupos, que cada vez se tornam mais difíceis devido a tudo o que é a sociedade, devido ao estímulo que eles já trazem, devido à condição económica que vai influenciar de forma talvez não muito positiva, a forma de estar da criança...talvez estejamos nós a precisar de ferramentas, de comunicação mais assertiva, de estímulo, de termos estratégias, ou nos darem bases para criarmos mais estratégias porque realmente, há necessidade de uma comunicação cada vez mais assertiva para superar a maneira de estar dos alunos atualmente nas salas de aula.

Anexo III

Estratégias para o desenvolvimento da competência comunicativa em educadores de infância e professores de 1º ciclo

(Transcrição de entrevista a professora do 1º ciclo)

Entrevistadora - Para si o que é comunicar no contexto educacional?

Professora - Cumprir o plano

Entrevistadora - Na sua opinião, o professor comunica com os alunos com que objetivo?

Professora - Transmitir conhecimentos

Entrevistadora - “A falta de comunicação gera mal entendidos, gera desconforto, desconfiança e ausência de motivação.” Concorda com esta afirmação? Exemplifique uma situação imaginada, em sala de aula, que demonstre a afirmação.

Professora - Claro. Então um miúdo que, por exemplo, lá fora acontece alguma coisa... que ocorra com um colega. Como tirar um casaco, que se cai, que se magoa,... A criança não tem confiança, não vai transmitir isso ao professor. Nós, convém sabermos o que se passa dentro da sala e fora da sala, ou mesmo em casa. Em casa pode ocorrer agressões físicas, agressões verbais, bullying. Isso pode ocorrer e a criança não transmite. Há muitas coisas que acontecem na sala que se comunicam aos pais, mesmo situações...

Entrevistadora - O que considera um professor com competência comunicacional?

Professora - Um professor que consiga transmitir os conhecimentos, confiança. Que vá tendo formações, que se vá atualizando... e que os miúdos se sintam bem na sala de aula. Basicamente.

Entrevistadora - O que considera ser uma boa relação entre professor e aluno? E professor/turma?

Professora - Confiança, basicamente confiança.

Entrevistadora - Quais são os principais entraves à comunicação entre professor e aluno?

Professora - Depende se pessoa para pessoa. Eu acho que não há muito... Talvez num 1º ano quando há continuidade da turma, talvez no 1º ano não há aquele conhecimento ainda... [...] Como já estou há 3 anos com estes já sei como é que devo agir. Por exemplo o R. não posso nunca levantar-lhe a voz que ele fica agitado. O C. tenho de levantar a voz mesmo senão...

Entrevistadora - Alguma vez sentiu que queria comunicar com um aluno, mas que de alguma forma não conseguia transmitir o pretendido? Se sim, como contornou a situação?

Professora - Não. Só quando acontece assim casos mais graves, o que não foi o caso nesta escola. Mas às vezes há algumas suspeitas de agressões, por exemplo em casa às vezes acontecia se o mano bateu ou se fica sozinho... e tentamos falar mais com eles e eles às vezes para não ficarem expostos...têm dificuldade, mas nós depois continuamos a fazer questões para ver se eles acabem por falar.

Entrevistadora - Em caso de algum problema pessoal, seja de cariz familiar ou até mesmo mal-estar físico ou psicológico, de que forma esses fatores podem influenciar a comunicação do professor na sala de aula?

Professora - Isso acontece muito. [...] Muitas vezes o professor se tem problemas em casa, às vezes chega, [...] e não tem tanta paciência. Isso acontece. [...] Mas quando eu chego à turma esqueço-me praticamente que tenho um problema. Quando se chega aqui... eles absorvem-nos tanto, são tão absorventes e nós temos tanta coisa, muita atividade para fazer... [...] e é a melhor maneira para nós e para eles, porque nós não temos de trazer problemas de casa para a escola, assim como eu chego a casa esqueço a escola e tenho família, tenho os meus pequeninos. A seguir faço a mesma coisa 9 – 15 sou deles, 15 -21 sou dos meus pequeninos.

Entrevistadora - No programa do 1º ciclo encontra-se a seguinte afirmação: “... cabe ao professor criar condições materiais e humanas de verdadeira comunicação.” Que condições acha que se refere? Dê um exemplo.

Professora - Condições humanas acho que pronto depende de nós. Condições materiais acho que o professor de 1º ciclo já se habituou a trabalhar com o que tem e com o que não tem, mas supostamente irá ter. Mas consegue-se elaborar um trabalho razoável, mas pronto é claro que as condições materiais: as internetes, os quadros interativos, uma biblioteca [...] É claro que as condições materiais são muito importantes, mas se cada vez nos cortam mais recursos, nós temos que trabalhar com o que temos, mas depois as exigências são cada vez mais, cada vez são menos recursos e cada vez são mais as exigências e isso ninguém consegue ver.

Entrevistadora - Considera que a qualidade da comunicação influencia a prática pedagógica? De que forma?

Professora - Claro, tanto a nossa parte do planear e da aquisição, sem dúvida.

Entrevistadora - Pensa que a motivação dos alunos está diretamente relacionada com a relação que se estabelece com o professor? Justifique.

Professora - [...] Para mim parte da aprendizagem parte de um triângulo: pais, escola/professor e aluno. Estes três não dá para funcionar em linha reta. Não dá para ficar pai/aluno ou aluno/professor tem de ser um triângulo. Tem de estar em harmonia.

Entrevistadora - O que é que os alunos esperam dos professores em termos comunicacionais?

Professora - Eu acho que eles esperam que digamos: “Sim”; “Está tudo bem.” “Não têm trabalhos de casa” “Vão todos passar”. Eu acho que eles esperam basicamente alguém que eles possam ter sempre. A imagem do professor do 1º ciclo está sempre na memória deles. Pensamos que não mas [...] é a verdade. [...] Acabamos por passar mais tempo com eles durante estes 4 anos do que com os pais. [...] Fazê-los questionar das coisas. [...] Trabalhar muito a formação cívica. Solidariedade. Partilha. Esse tipo de temas.

Entrevistadora - Considera existirem vantagens para os alunos, em termos de relação educativa, que os professores utilizem diferentes estratégias de comunicação?

Professora - Sim. Mas isso das diferentes estratégias de comunicação é uma coisa, estratégias de aplicação é outra porque às vezes nós falamos em apoio diferenciado ou individualizado de uma sala de aula, com 26 alunos para dar matéria. [...] Gostava de saber quem é que consegue aplicar.

Entrevistadora - Num momento de atividade como capta a atenção dos alunos quando sente que estão desatentos ou mais agitados? Utiliza alguma (s) estratégia (s)?

Professora - Bate-se com o apagador na mesa. Gritar, berrar não vale a pena. Ou dizer “se faz favor”. Adotei esta estratégia, bato com o apagador e eles associam que é para estar quietos.

Entrevistadora - Se repara que um aluno tem vindo a mostrar-se mais desmotivado no decorrer das aulas, como resolve essa situação?

Professora - Falo com os encarregados de educação. Ou normalmente são os encarregados de educação que vêm falar comigo. Normalmente falo com os pais para saber o que se passa e há sempre um motivo. Até hoje, pelo menos com esta turma, tem sido ou a mãe que está a trabalhar num turno diferente ou o pai que saiu em viagem. Há sempre sempre sempre um motivo.

Entrevistadora - Segundo Ornellas, outrora a escola era o principal meio de difusão de conhecimento e informação. Atualmente a situação alterou-se pois as crianças têm acesso a novos meios, que muitas vezes são mais motivadores do que os que encontram nas salas de aula.

Professora - Digamos isso acaba por ser quase um mito. Das nove às cinco/seis estão na escola. Aqui eles comunicam, aprendem, realizam as atividades [...] Chegam a casa. A criança chega a casa, seis horas, toma banho, vê televisão (coisa que eles também veem), o que eles fazem agora diferente que eu noto são as PSPs e os jogos de computador, [...] levam ali o tempo todo. Muitas vezes eu questiono: “Então e o que é que fizes-te?” “Ah tive a jogar computador”, ou... E muitos muitos deste têm televisão no quarto e às vezes em vez de dormirem ficam ali a ver televisão. Por exemplo: “professora viste ontem a casa dos segredos?” [...] Não acho que seja assim tão diferente do que há alguns anos. Se nós incutirmos que devem ler, os miúdos continuam a ler, continuam a pesquisar, continuam a ter acesso a comunicar com os avós, com a família. Não acho que seja assim tão diferente. Acho que o tempo de escola é mais excessivo. Basicamente nós antes brincávamos na rua e agora levam o tempo em casa.

Entrevistadora - Já ouviu a expressão: inteligência emocional? Se sim, o que sabe acerca do tema?

Professora - Não.

Entrevistadora - Ainda em relação à inteligência emocional como se posiciona no desenvolvimento de auto conhecimento emocional, controle emocional, auto motivação, reconhecimento de emoções em outras pessoas e habilidade em relacionamentos?

Professora - Motivação? Então com os corte nos subsídios... Eu acho que hoje um professor não tem motivação. Sinceramente eu acho que a motivação é mesmo de quem gosta da profissão. Eu cada vez gosto mais de estar com eles, deste universo... Mas se formos lá para fora: os cortes, as exigências, horas de trabalho... Como é que se sente motivado? O principal é a gente gostar. Gostar de estar com eles. [...]

Entrevistadora - Quais as necessidades formativas que sente a nível de competências comunicativas? E em relação a outros colegas professores?

Professora - Depende muito de colegas para colegas. Aqui neste agrupamento noto mais a partilha através da informática. [...] Noutras escolas sinto mais a partilha direta [...] Pessoalmente prefiro mais a partilha direta do que indireta.

Anexo IV - Guião dos questionários

Enquadramento do questionário: Estudo exploratório transversal numa perspetiva de Investigação-Ação

Objetivos do questionário:

- Saber se educadores de infância e professores de 1º ciclo têm consciência do impacto das suas comunicações em sala de aula, nomeadamente em que situações são facilitadoras, ou não, da ação e relação pedagógica.

Participantes: 15 educadores de infância e 15 professores de 1º ciclo

Preencher com uma cruz na resposta de acordo com as seguintes indicações:

1 - Discordo	2 – Discordo em parte	3 - Concordo	4 – Concordo totalmente
--------------	-----------------------	--------------	-------------------------

Objetivo geral	Objetivos específicos	Dimensão	Tópicos / Exemplos de questões
Conhecer consciência do impacto comunicações em sala de aula, nomeadamente em que situações são facilitadoras, ou não, da ação e relação pedagógica.	Caracterizar o entrevistado	Caracterização do inquirido	<p>1 - Sexo Femino <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/></p> <p>2- Qual o seu nível de ensino? Pré-Escolar <input type="checkbox"/> 1º ciclo <input type="checkbox"/></p> <p>3 - Quantos anos de serviço docente tem? Até 5 anos <input type="checkbox"/> De 16 a 20 anos <input type="checkbox"/> De 6 a 10 anos <input type="checkbox"/> De 20 a 30 anos <input type="checkbox"/> De 11 a 15 anos <input type="checkbox"/> Mais de 30 anos <input type="checkbox"/></p>
	Conhecer a definição de comunicação numa perspetiva educacional	Definição de comunicação numa perspetiva educacional	<p>4 - Comunico na sala de aula para que o aluno adquira conhecimentos.</p> <p>5 - Considero que comunico com vista ao cumprimento do programa/metasp de aprendizagem.</p> <p>6 - Para que haja sucesso escolar é necessário comunicar de forma assertiva.</p>
	Identificar competências comunicacionais	Competência comunicacional	<p>7 - O sucesso da aprendizagem do aluno é influenciado pela forma como o professor comunica.</p> <p>8 - Sinto que quando tenho empatia com um aluno isso irá influenciar no seu desempenho.</p>

			<p>9 – <i>Preciso conhecer os alunos para adaptar a forma como comunico.</i></p> <p>10 - <i>Compete-me a mim, enquanto professor(a), promover a motivação dos alunos.</i></p>
	Conhecer a qualidade da relação pedagógica	Qualidade da relação pedagógica	<p>11 - <i>Reconheço a importância da relação de confiança que se estabelece entre professor/aluno e aluno/professor.</i></p> <p>12 – <i>Considero que a relação que construo com o grupo dos alunos tem sucesso consoante a forma como comunico.</i></p> <p>13- <i>Utilizo estratégias de comunicação que promovem a relação assertiva entre os alunos.</i></p> <p>14 - <i>Para me relacionar com um aluno considero importante conhecer as suas vivências anteriores</i></p> <p>15 - <i>Preocupo-me em conhecer primeiro os alunos individualmente para depois conseguir unir uma turma e conseguir trabalhar com uma turma de forma mais ou menos individualizada.</i></p>
	Identificar as barreiras na comunicação	Barreiras na comunicação por parte do aluno	<p>16 - <i>O ruído/barulho prejudica a aquisição de conhecimentos.</i></p> <p>17 - <i>A falta de motivação do aluno leva-o a não entender o que o professor pretende transmitir.</i></p> <p>18 - <i>Acho que o número de horas letivas é excessivo prejudicando a comunicação do professor com os alunos.</i></p>
		Barreiras na comunicação por parte do professor	<p>19 - <i>É difícil comunicar individualmente com turmas/grupos com muitos alunos.</i></p> <p>20 - <i>Posso estar desmotivado impedindo-me de comunicar da forma que considero mais adequada.</i></p> <p>21 – <i>Quando tenho um problema pessoal posso estar com menos paciência.</i></p> <p>22 – <i>Acho difícil chegar a crianças que se fecham no seu “próprio mundo”.</i></p> <p>23 – <i>Sinto que nem sempre consigo motivar os alunos.</i></p> <p>24 - <i>O papel do professor está um pouco</i></p>

		<p><i>desacreditado.</i></p> <p><i>25 - Estamos numa época do facilitismo em que não se pode dizer não.</i></p> <p><i>26 - Acho que as novas tecnologias roubam a criatividade e a imaginação.</i></p>
Identificar os facilitadores da comunicação em contexto de sala de aula	Facilitadores da comunicação em contexto de sala de aula	<p><i>27 - Se tenho um problema quando chego à sala esqueço-me.</i></p> <p><i>28 - Crio condições na sala de aula para cativar os alunos.</i></p> <p><i>29 - Considero que as condições materiais são importantes para uma boa comunicação.</i></p>
Conhecer a influência da relação para a motivação dos alunos e da qualidade do ensino/aprendizagem	Influência da relação para a motivação dos alunos e da qualidade do ensino/aprendizagem	<p><i>30 - Primeiro temos que dar colo à criança, primeiro temos que lhes dar o maminho, depois temos que ir cativando aos poucos para que depois consigamos ter sucesso da aprendizagem.</i></p>
Conhecer as expectativas da comunicação em sala de aula	Expectativas da comunicação em sala de aula	<p><i>31 - Nem sempre a motivação do aluno vem da relação que tem com o professor.</i></p> <p><i>32 - Os alunos esperam o saber científico do professor.</i></p> <p><i>33 - Os alunos não esperam rigor por parte dos professores.</i></p> <p><i>34 - Os alunos não querem ouvir não dos professores.</i></p> <p><i>35 - Os alunos que o/a professor/a os compreenda e apoie em qualquer situação</i></p> <p><i>36 - Os alunos não valorizam a criatividade e inovação do professor.</i></p>
Conhecer estratégias de regulamentação de atividades através da comunicação	Estratégias de regulamentação de atividades pedagógicas através da comunicação	<p><i>37 - Privilegio a promoção da autonomia nos alunos.</i></p> <p><i>38 - Compete-me criar estratégias, materiais e recursos em sala de aula, tornando-os variáveis.</i></p> <p><i>39 - É importante levar o aluno a questionar o porquê das coisas.</i></p>

			40 - <i>Considero que trabalhar valores é fundamental no currículo para promover a comunicação.</i>
	Saber se existe conhecimento da inteligência emocional	Inteligência Emocional	<p>41 - <i>A motivação dos professores é mesmo só para quem gosta da profissão.</i></p> <p>42 - <i>Com o tempo acabamos por conseguir gerir minimamente o nosso eu pessoal e o eu profissional.</i></p> <p>43 - <i>Reconheço as minhas diferentes emoções positivas.</i></p> <p>44 - <i>Reconheço as minhas diferentes emoções negativas.</i></p> <p>45 - <i>Sei lidar com situações imprevistas.</i></p> <p>46 - <i>Reconheço quando um aluno se sente triste.</i></p> <p>47 - <i>Reconheço quando um aluno se sente desmotivado.</i></p> <p>48 - <i>Reconheço quando um aluno se sente alegre.</i></p> <p>49 - <i>Reconheço quando um aluno se sente motivado.</i></p> <p>50 - <i>Sei fazer facilmente com que um aluno me comunique o que está a sentir.</i></p> <p>51 - <i>Consigo controlar impulsos e emoções destrutivas.</i></p> <p>52 - <i>Sou capaz de reconhecer os efeitos das minhas emoções e utilizo o meu «instinto» para orientar decisões.</i></p> <p>53 - <i>Compreendo o ponto de vista dos alunos e procuro saber as suas preocupações.</i></p> <p>54 - <i>Consigo resolver conflitos que possam surgir na sala de aula</i></p>
	Identificar necessidades formativas a nível da competência comunicativa	Necessidades formativas	<p>55 - <i>Ainda não consegui entrar no mundo das tecnologias.</i></p> <p>56 - <i>Acho que os professores não partilham muito experiências e estratégias.</i></p>

			<p><i>57 – Os/As professores/as precisam de trabalhar uma comunicação mais assertiva.</i></p> <p><i>58 - Sente necessidade de formação no domínio da “Comunicação na sala de aula”?</i></p>
	Recolher comentários/suções do entrevistado	Comentários/suções do entrevistado	<p><i>59 - Gostaria de acrescentar algo sobre o tema em questão: “A Comunicação em sala de aula?”</i></p> <hr/>

Anexo V - Questionário: A comunicação em sala de aula

O presente questionário insere-se na elaboração de um trabalho de investigação intitulado “Estratégias para o desenvolvimento da competência comunicativa em educadores de infância e professores de 1º ciclo.”, no âmbito do Mestrado de Especialização em Ensino Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, e tem como objetivo recolher informação sobre as opiniões/conceções de educadores e professores do 1º ciclo acerca do assunto em questão.

Para cada uma das seguintes afirmações avalie de forma espontânea a sua opinião, de acordo com as instruções, preenchendo com uma cruz (X).

As respostas são confidenciais e anónimas, pelo que se agradece que seja o/a mais sincero/a possível.

Dados do inquirido

Assinale com X as suas respostas.

1 - Sexo: Feminino Masculino

2 - Qual o seu nível de ensino? Pré-escolar 1º ciclo

3 - Quantos anos de serviço docente tem?

Até 5 anos De 16 a 20 anos

De 6 a 10 anos De 20 a 30 anos

De 11 a 15 anos Mais de 30 anos

De seguida assinale com X a sua posição quanto às afirmações, de acordo com as instruções dadas em seguida:

1 – Discordo totalmente	2 – Discordo parcialmente	3 - Discordo	4 - Concordo	5 –Concordo parcialmente	6 – Concordo totalmente
-------------------------	---------------------------	--------------	--------------	--------------------------	-------------------------

1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---

1 - A Comunicação

Comunico na sala de aula para que o aluno adquira conhecimentos.						
Considero que comunico com vista ao cumprimento do programa/metabolhas de aprendizagem.						
Para que haja sucesso escolar é necessário comunicar de forma assertiva.						
O sucesso da aprendizagem do aluno é influenciado pela forma como o/a professor/a comunica.						
Sinto que quando tenho empatia com um aluno isso irá influenciar no seu desempenho.						

Preciso conhecer os alunos para adaptar a forma como comunico.							
Compete-me a mim, enquanto professor/a, promover a motivação dos alunos.							

2 – Relação Pedagógica

Reconheço a importância da relação de confiança que se estabelece entre professor/aluno e aluno/professor.							
Considero que a relação que construo com o grupo dos alunos tem sucesso consoante a forma como comunico.							
Utilizo estratégias de comunicação que promovem a relação assertiva entre os alunos.							
Para me relacionar com um aluno considero importante conhecer as suas vivências anteriores.							
Preocupo-me em conhecer primeiro os alunos individualmente para depois conseguir unir uma turma e conseguir trabalhar com uma turma de forma mais ou menos individualizada.							

3 – Barreiras e facilitadores na comunicação

O ruído/barulho prejudica a aquisição de conhecimentos.							
A falta de motivação do aluno leva-o a não entender o que o/a professor/a pretende transmitir.							
Acho que o número de horas letivas é excessivo prejudicando a comunicação do professor com os alunos.							
É difícil comunicar individualmente com turmas/grupos com muitos alunos.							
Posso estar desmotivado/a impedindo-me de comunicar da forma que considero mais adequada.							
Quando tenho um problema pessoal posso estar com menos paciência.							
Acho difícil chegar a crianças que se fecham no seu “próprio mundo”.							
Sinto que nem sempre consigo motivar os alunos.							
O papel do/a professor/a está um pouco desacreditado.							
Estamos numa época do facilitismo, em que não se pode dizer não.							
Acho que as novas tecnologias roubam a criatividade e a imaginação.							
Se tenho um problema quando chego à sala esqueço-me.							
Crio condições na sala de aula para cativar os alunos.							
Considero que as condições materiais são importantes para uma boa comunicação.							
Primeiro temos que dar colo à criança e também algum miminho, depois temos que ir cativando aos poucos para que depois consigamos ter sucesso da aprendizagem.							

4 - Expectativas da comunicação em sala de aula

Nem sempre a motivação do aluno vem da relação que tem com o/a professor/a.							
Os alunos esperam o saber científico do/a professor/a.							
Os alunos não esperam rigor por parte dos/as professores/as.							
Os alunos não querem ouvir não dos/as professores/as.							
Os alunos esperam que o/a professor/a os compreenda e apoie em qualquer situação.							
Os alunos não valorizam a criatividade e inovação do professor.							

5 – Promoção de atividades

Privilegio a promoção da autonomia nos alunos.							
Compete-me criar estratégias, materiais e recursos em sala de aula, tornando-os variáveis.							
É importante levar o aluno a questionar o porquê das coisas.							
Considero que a trabalhar valores é fundamental no currículo para promover a comunicação.							

6 - Inteligência Emocional

A motivação dos/as professores/as é mesmo só para quem gosta da profissão.							
Com o tempo acabamos por conseguir gerir o nosso eu pessoal e o eu profissional.							
Reconheço as minhas diferentes emoções positivas.							
Reconheço as minhas diferentes emoções negativas.							
Sei lidar com situações imprevistas.							
Reconheço quando um aluno se sente triste.							
Reconheço quando um aluno se sente desmotivado.							

Reconheço quando um(a) aluno(a) se sente alegre.							
Reconheço quando um aluno se sente motivado.							
Sei fazer facilmente com que um aluno me comunique o que está a sentir.							
Consigo controlar impulsos e emoções destrutivas.							
Sou capaz de reconhecer os efeitos das minhas emoções e utilizo o meu «instinto» para orientar decisões.							
Compreendo o ponto de vista dos alunos e procuro saber as suas preocupações.							
Consigo resolver conflitos que possam surgir na sala de aula.							
7 – Necessidades relativas à competência comunicacional							
Ainda não consegui entrar no mundo das tecnologias.							
Acho que os/as professores/as não partilham muito experiências e estratégias.							
Os/As professores/as precisam de trabalhar uma comunicação mais assertiva.							

Sente necessidade de formação no domínio da “Comunicação na sala de aula”?

SIM _____ Em que área? _____

NÃO _____ Porquê? _____

Gostaria de acrescentar alguma informação ou sugestão do tema em questão: “A Comunicação em sala de aula”?

Obrigado pela sua colaboração